CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES


BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

A CENA muda

N.º 2 ★ 11-1-50

Cr$ 3,00
em todo o Brasil

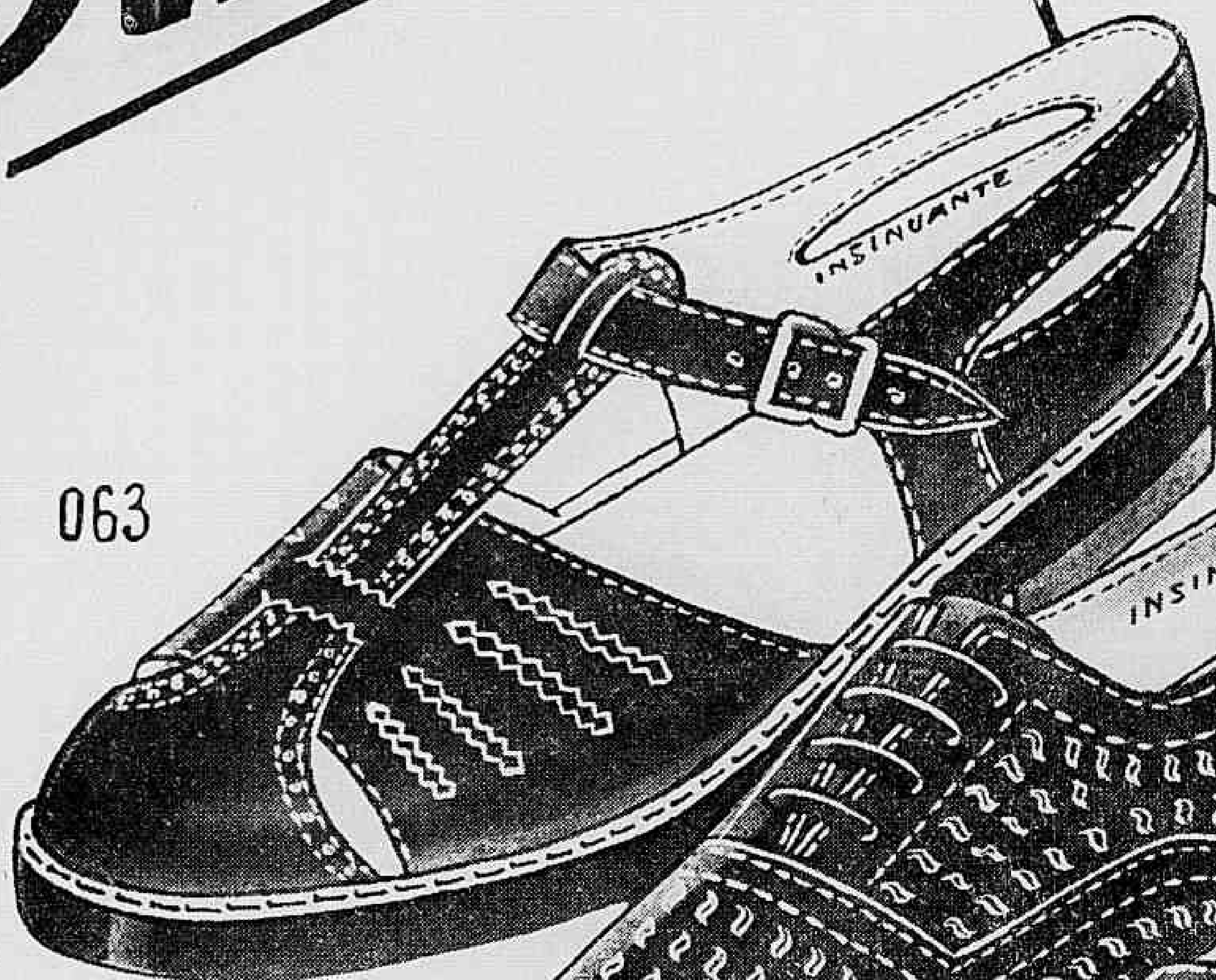


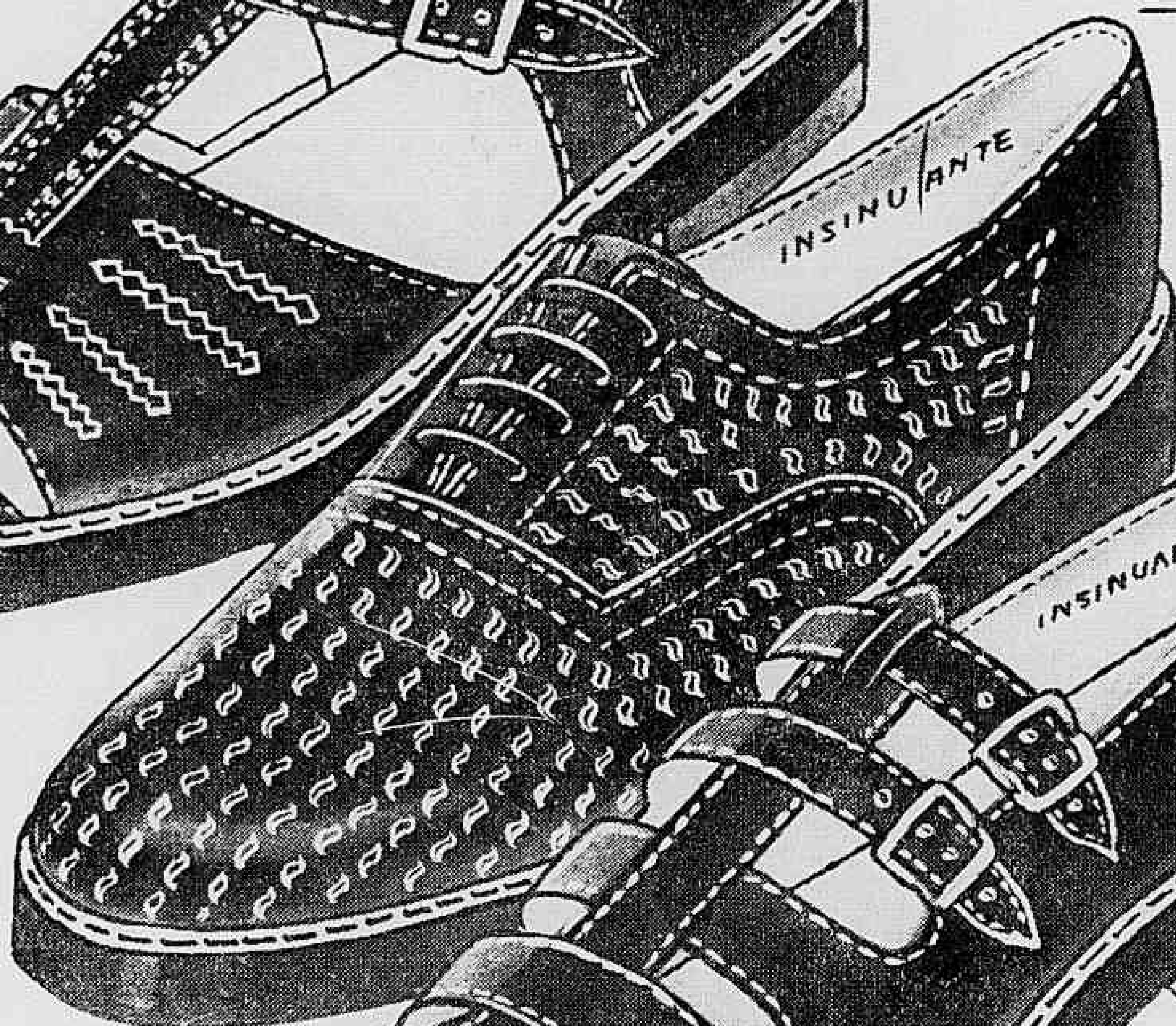
BEM SERVIR

CARACTERISTICO
INCONFUNDIVEL DA
SAPATARIA MAIS
QUERIDA DA
CIDADE!

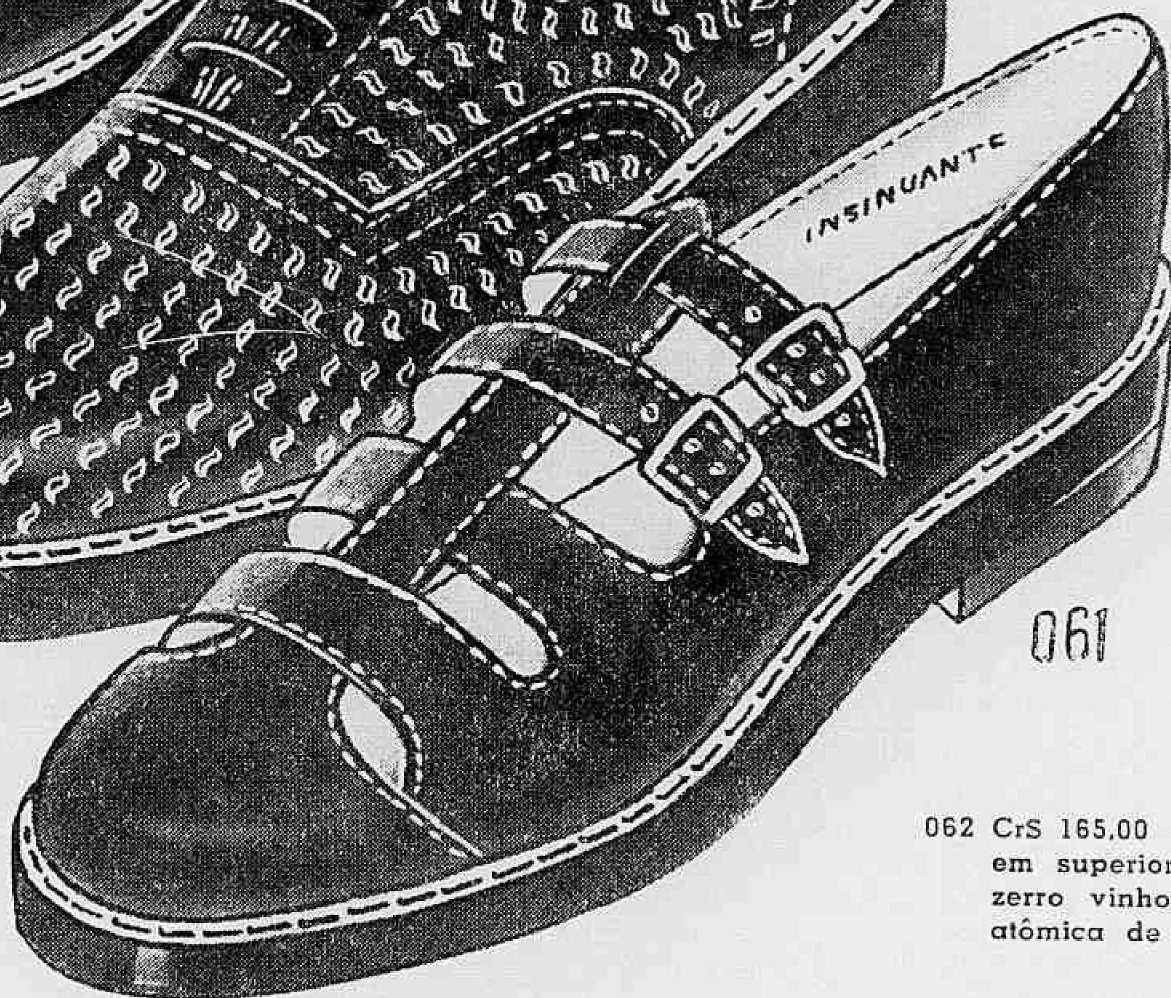
AT. SEMOG.

063





062



061

061 CrS 135,00 Superior sapato-sandália, genuinamente másculo, em superior bezerro vinho, com salto de borracha. Núm.: de 36 a 44.

Uma galeria à sua disposição com água geladinha sempre às suas ordens.

062 CrS 165,00 Ótimo sapato, muito confortável, em superior camurça branca, ou ótimo bezerro vinho ou marron. Sola de borracha atômica de puro latex. Núm.: de 36 a 44.

063 CrS 95,00 — 125,00 e 135,00. Respectivamente de 28 a 33, de 34 a 36 e de 37 a 44. Formidável sapato-sandália em superior bezerro vinho ou beje, com salto de borracha.

Porte para todo o Brasil, 5 cruzeiros.
Não trabalhamos com reembolso.

insinuante

devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

CARIOCA, 46-48 — SETE SETEMBRO, 199-201

A CENA Muda

ANO 30º ★ Nº 2 ★ 11-1-51

SEMANARIO DE ARTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Número avulso para todo o território **brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura:** Anual (52 números), Cr$ 140,00; Semestral (26 números), Cr$ 70,00. Registrada: Anual, Cr$ 170,00; Semestral, Cr$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 270,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: "Inter-Prensa", Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

A Redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados

★

Representante em São Paulo: A Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69, Telefone: 4-1569

CORRESPONDENTES EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães

★

SUMÁRIO

Madrinhas-de-Guerra (Leon Eliachar)	3
Artistas brasileiros cantarão nos Estados Unidos (Antônio Rocha) ..	4
Em defesa da liberdade (Robert Montgomery)	6
Como se faz um comando (Max Gold)	7
Três maridos (cine-romance)	8
O romance mais comentado de Hollywood	10
Filmagens no Vale do Pó	11
Cine-ópio ou Cine-arte? (Alberto Conrado)	12
June Haver (close-up)	14
Antologia dos cronistas cariocas ..	15
Hélio Tys já pegou na vassoura (Armando Migueis)	16
A ópera na cinematografia mundial (Lionel Araújo)	18
Algo flutua sôbre as águas (resumo)	19
Vera Ralston vai fazer compras ..	20
Coluna do fã	21
Claude Rains (close-up)	22
Telas da cidade	23
Rádio-inqüérito	25
Melodias para você	26
Carnaval	27
Noticias	32
Joan Leslie (close-up)	29
Deborah Kerr	31
Mexericos	32
Boas-festas	32

CAPA

Delilye Reynolds
(Metro)

POR INTERMÉDIO DE "A CENA", SOLDADOS EXPEDICIONÁRIOS ESCREVEM DE MACAU À PROCURA DE

MADRINHAS DE GUERRA

MUITO nos honra saber que esta revista é lida em tôdas as partes do mundo. E, muito nos sensibilizou uma carta assinada por soldados expedicionários, leitores assíduos de A CENA, que nos escreveram da longínqua e distante Macau, solicitando nosso auxílio para a escolha de madrinhas de guerra. E é com orgulho e satisfação, pela preferência demonstrada e pela certeza do nosso apoio, que nos sentimos honrados em satisfazer o seu pedido, um pedido justo e que está sendo prontamente atendido. Assim, com êste ligeiro comentário, mobilizamos a atenção de nossas leitoras para que voltem seus olhos e seus corações para êsses rapazes que lutam em terra distante, há 16 meses. Macau é um pequeno grupo de ilhas situadas na costa meridional da China, com uma superfície de 12 quilômetros quadrados e uma população de 90.000 habitantes. Foi fundada pelos portuguêses em 1577 e reconhecida como colônia pelo tratado de 1887. Longe da pátria e de seus lares, êsses jovens combatentes encontram nas páginas de A CENA alguns momentos de prazer espiritual, alguns minutos de felicidade, não raramente interrompidos pelo ruido constante da guerra. Sem serem letrados, sem trazerem em seus cérebros grandes tratados de sabedoria, possuem, no entanto, inteligência para admirar o belo, bom-gôsto para fazer culto às artes. Possuem, além do mais, um coração que se sente oprimido pela angústia do afastamento, pela melancolia da solidão, lutando em terra distante por um ideal patriótico. Com palavras simples e singelas, num gesto espontâneo e sincero, êles se dirigem a nós, brasileiros, para fazer um apêlo que pode e deve ser atendido. Não só pelo fato de se tratar de amigos do Brasil, mas, especialmente, por se tratar de leitores desta revista. E é por êste simples e eloqüente motivo que abrimos espaço nesta página para transcrever um trecho de sua carta:

"Soldados portuguêses, expedicionários nesta longinqua parcela do rincão lusitano, nas terras milenárias da China, fazem um apêlo ao coração bondoso das jovens brasileiras ou a suas compatriotas que se encontrem nessa terra hospitaleira que é o Brasil, pedindo madrinhas-de-guerra. Esperando ansiosos pelo confôrto moral que as respostas ao nosso apêlo nos possa trazer, agradecemos a V. Excia. a atenção dispensada à nossa missiva.

(a) José Vieira de Carvalho — Soldado n. 549
Manuel Luiz da Silva — Soldado n. 595
José dos Santos Brito — Soldado n. 637
José M. de Oliveira — 1º Cabo n. 180
José dos Santos — Soldado n. 450

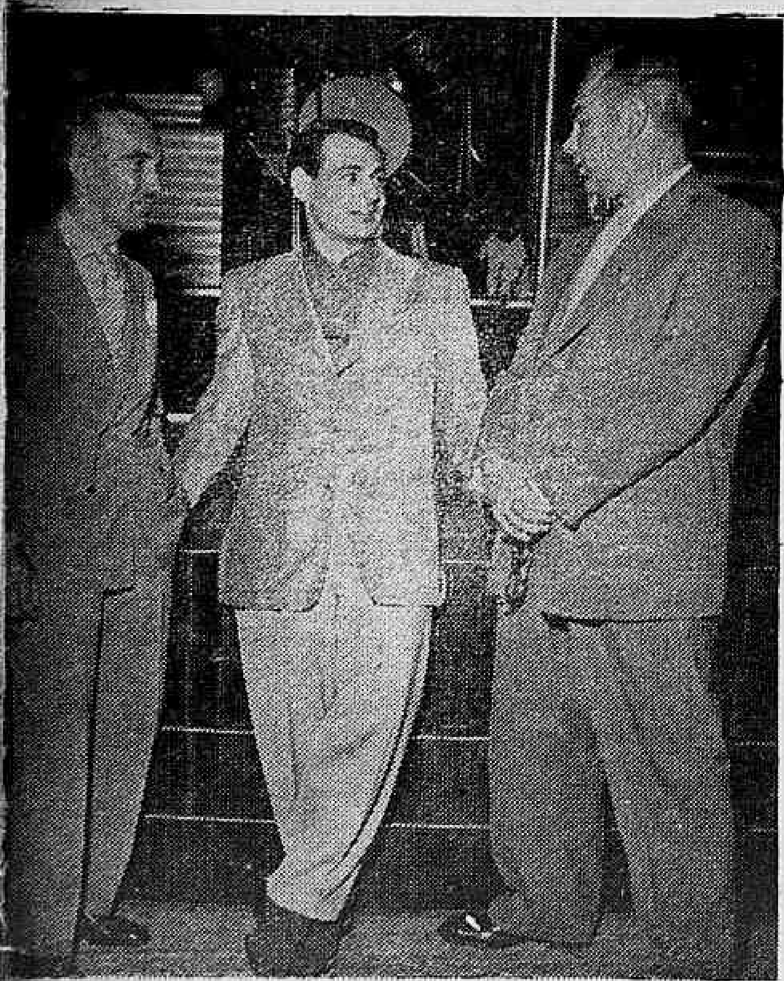
2.ª Bateria Anti-Aérea, 4cm Exp.
Quartel em Mong-Há, Macau — CHINA."

..Êste é o desejo dêsses jovens combatentes. Certos estamos de que muitas de nossas leitoras se prestarão orgulhosamente a conquistar o título de "Madrinha-de-Guerra" dêsses valentes rapazes. Para isso, basta que enviem cartas e fotos com os respectivos dados, e se correspondam diretamente com êles. O orgulho será recíproco. E A CENA sentir-se-á, ainda uma vez, honrada em servir de veículo para tão relevante missão, ligando povos e países de extremos tão diferentes.

leon eliachar



ESQUINA DA TELEVISÃO
Esta esquina da rua Vine com Sunset Boulevard é chamada «Television Corner». Ao fundo uma das maiores lojas de discos dos EE.UU. a «Music City».



COM RAY ANTHONY
Eis um dos elementos pertencentes a General Artists Corporation que Paulo pretende trazer ao Brasil. Luiz é o intérprete...

Artistas brasileiros cantarão nos Estados Unidos

DENTRO DE POUCO TEMPO SERÁ INICIADO UM INTERCÂMBIO ENTRE ARTISTAS BRASILEIROS E NORTE-AMERICANOS ★ PAULO SERRANO, DIRETOR DA CAPITÓL, FOI AOS ESTADOS UNIDOS TRATAR DAS NEGOCIAÇÕES ★ SERÃO LANÇADOS NOS MERCADOS "LONG PLAYING" BRASILEIROS E AMERICANOS, PONDO FIM AO CONTRABANDO DE DISCOS ★ UMA PALESTRA SÔBRE RÁDIO, MÚSICA E CINEMA

Reportagem de ANTÔNIO ROCHA

PAULO Serrano regressou de uma viagem aos Estados Unidos, onde se demorou quarenta dias na meca do cinema, tendo como escôpo o estudo de gravações. Teve oportunidade de fazer curiosas e oportunas observações sôbre os meios cinematográfico, radiofônico e musical.

RÁDIO — A primeira pergunta que lhe fiz foi sôbre rádio, indagando qual a mais importante estação de rádio norte-americana e se era possivel estabelecer um paralelo entre o rádio "yankee" e o indigena.

— "Eis uma pergunta de difícil resposta — redarguiu Paulo, acendendo um cigarro. Deu um trago, franziu o sobrecenho, procurando uma solução para êste "ser ou não ser". — Há centenas de estações nos Estados Unidos mas, não resta a menor dúvida, o cetro se encontra

entre a National Broadcasting Corporation e a Columbia Broadcasting System. Há relativamente pouco tempo, esta última conseguiu o direito para o uso da televisão em côres, o que, certamente, lhe dará maior margem, não só para uma expansão artictica como financeira."

Lembrei-me que lera algo a êsse respeito em um número de "Time". Realmente, a CBS tendo conseguido registrar a patente de seu aparelho, que tem compatibilidade, podendo tanto receber a televisão em prêto-e-branco como em tecnicolor, tomou a vanguarda de radiodifusão nos Estados Unidos. A produção dêsses aparelhos já está bastante adiantada e a CBS já recebeu cêrca de 50.000 pedidos para ingressos, pois, até que estejam no mercado, levará a efeito uma série de demonstrações em diversos Estados.

Ainda falando sôbre a CBS, Paulo citou o fato de esta emissora possuir um elevado quadro de funcionários e de ter — para efeito de comparação com o rádio brasileiro e sul-americano em geral — em seus estúdios, oito aparelhos de gravar, da marca "Scully", dos quais sòmente dois existem na América do Sul. Um na Rádio Ministério da Educação é um outro na fábrica de discos da RCA-Victor. Não se pode fazer uma comparação sem citar o fator técnico, de importância transcendental na vida de uma estação de rádio.

TELEVISÃO x CINEMA — Eis em tôrno de que se tece uma das mais complicadas polêmicas nos meios artisticos norte-americanos no momento. O povo, empolgado pelo assunto, acompanha, com a respiração suspensa, o decorrer dos acontecimentos, aguardando a qualquer instante a queda de um dos oponentes. A fim de conhecer em que pé já se encontra a celeuma, para a qual lado o povo pende, pedi a opinião de Paulo Serrano, que declarou:

— "Comparo ao surgimento do rádio a situação atual. Poucos não foram os que sustentaram que o sem-fio mataria o disco quando, na realidade, o "score" foi exatamente o contrário, pois o disco se tornou a alma do rádio e hoje nenhum dos dois poderia ter uma vida própria e formam uma útil simbiose. Talvez se possa dar a mesma resposta a êste assunto."

Prosseguindo, explicou que o filme norte-americano sòmente pode ser exibido na TV sete anos depois de sua produção. Conseqüentemente, a televisão desperta sòmente o saudosismo do público e o possuidor de televisão que trabalha durante o dia tem mesmo de ir a um cinema, pois as exibições de filmes televisionados, geralmente, é feita durante o dia. Sòmente os filmes estrangeiros, — italianos, franceses, mexicanos ou inglêses — podem ser exibidos antes de expirado êste prazo, ou os filmes produzidos especialmente para a TV.

— "Como corolário, velhos artistas, protegidos por êsse acôrdo, retornaram à popularidade, enquanto outros novos conquistaram o coração do público.

No primeiro grupo, encontramos William (*Hopalong Cassidy*) Boyd, que atualmente usufrui de maior popularidade do que Roy Rogers, que construiu a sua fama no cinema. No segundo caso, ergue-se, em primeiro plano, a figura de Milton Berle, considerado o pioneiro astro da TV norte-americana. Em conseqüência, conclui-se fàcilmente, a Sétima-Arte e a Televisão se têm de aliar. Roy Rogers, amedrontado com a concorrência do velho William Boyd, tentou dar um jeitinho nas coisas e aceitou um contrato para atuar na televisão. Por sua vez o cinema tirou partido do cartaz de Milton Berle e já o lançou num filme chamado "Always Leave Them Laughing" que, em português, se intitulará "O Mundo de Um Palhaço", senão me falha a memória. Portanto, não há nenhum motivo para animosidade entre o cinema e a televisão."

IMPRESSÕES DE HOLLYWOOD — Sôbre Hollywood eu só tinha uma pergunta a fazer e a lancei à queima-roupa, embora reconhecendo que seja uma pergunta que requer uma resposta arriscada, pois, compreendo que, em 40 dias, não se possa vivisseccionar uma cidade como Hollywood.

— Qual a sua impressão sôbre a moral de Hollywood?

(*Cont. na pág.* 23)



ESTUDANDO GRAVAÇÃO
Paulo Serrano passou quarenta dias em Hollywood, pràticamente vivendo dentro de fábricas de discos. Ei-lo na Capitól.



COM PETE RUGOLO
Ajudado por seu irmão, Luís Serrano, antigo correspondente de «A CENA» em Hollywood, Paulo travou conhecimento com marcantes personalidades dos mundos cinematográfico, musical e radiofônico.



COM MARGARET WHITING
Profundo admirador desta cantora, Paulo foi visitá-la em sua residência. Oito dias antes Margaret havia dado à luz uma criança.



acôrdo com a maneira por que éramos afetados pessoalmente.

No início não havia concordância unânime entre nossas idéias. Todos sabiamos muito bem que a liberdade cultural e uma forma totalitária de govêrno são incompatíveis. Uns poucos de nós, porém, não estavam ainda convencidos das intenções totalitárias da União Soviética e do comunismo internacional. Alguns eram de opinião, até que chegaram as primeiras notícias do ataque comunista na Coréia, que a ameaça de uma agressão totalitária por parte da União Soviética havia sido exagerada.

Depois de ler as notícias a respeito da Coréia ninguém mais pensou assim.

Foi então que poetas, pintores, escultores, escritores, draumaturgos, cientistas e músicos de 24 países manifestaram-se firmemente e em unissono contra o comu-

(Cont. na pg. 30)



EM DEFESA DA LIBERDADE

de ROBERT MONTGOMERY (Cop. do USIS, especial para A CENA)

EXISTEM aquêles que se referiam à «guerra fria» antes de que as legiões de Hitler dominassem a Europa como se tal situação fôsse algo de novo. Existem aquêles que se referiam, durante os últimos anos, novamente à tal «guerra fria» como se fôsse ainda algo de novo. Isso porém não é novidade. E' algo que tem existido desde os tempos em que os primeiros amantes da liberdade tiveram que lutar para conquistar ou preservar tal liberdade.

Existiu sempre uma «guerra fria» entre os amantes da liberdade e aquêles que a desejavam destruir. Algumas vêzes tal manifestação tem significado guerras armadas. Nunca, porém, existiu um ponto neutro no campo da liberdade humana.

No Congresso em Prol da Liberdade Cultural, realizado em Berlim, em junho do ano passado, mais de 150 pessoas que nos haviamos aliado apenas pelo nosso comum interêsse nas artes e nas ciências apresentamo-nos, firmemente, ao lado da liberdade.

Haviamos inaugurado a reunião antes do ataque comunista à República da Coréia. Era uma reunião destinada à discussão do que para muitos de nós começava a parecer uma progressiva paralisia causada pelo comunismo internacional. Alí estavamos para trocar idéias sôbre o assunto de

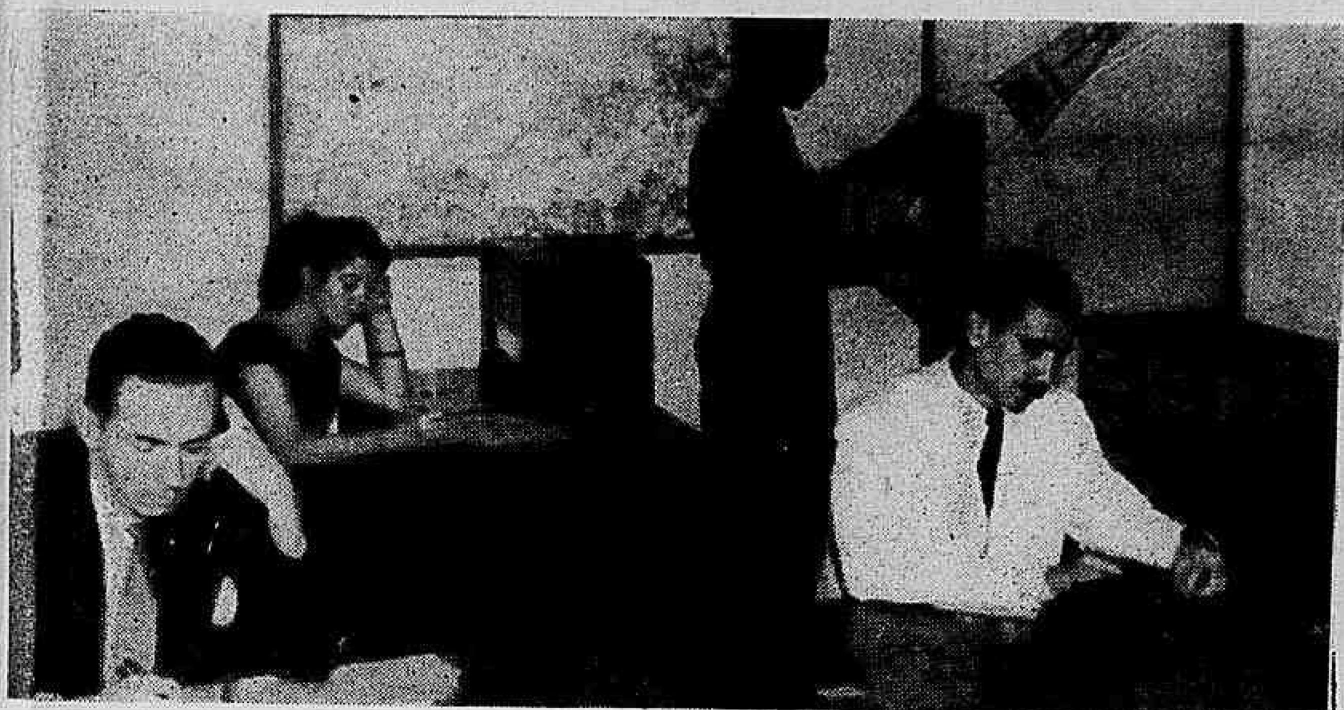
ROBERT MONTGOMERY, que foi, por quatro vêzes o presidente da Liga de Atôres Cinematográficos Norte-Americanos, deixou sua carreira como artista da tela, em 1940, para se alistar como motorista de ambulância na França. Quando os Estados Unidos entraram na guerra, Robert Montgomery alistou-se na Marinha de seus país, tendo servido durante quatro anos, primeiro como oficial de ligação com o Almirantado Britânico, depois como comandante de uma patrulha de navios torpedeiros e finalmente oficial de operações de um destróier. Seu navio foi o primeiro destróier a entrar no pôrto de Cherbourgo, por ocasião da invasão da Normândia.

Dispensado da Marinha em 1945, com o posto de Comandante, reiniciou sua carreira cinematográfica. Desde tal ocasião ampliou o campo de suas atividades. Agora é tanto ator como diretor de filmes, de programas de rádio e televisão. Em setembro de 49 sua preocupação a respeito das táticas comunistas na Europa e na Ásia levaram-no a tomar uma nova tarefa — um programa semanal de rádio onde discute assuntos nacionais e internacionais. Seus programas bi-semanais de televisão apresentam adaptações de livros e peças clássicas representados por artistas do cinema e do teatro.

COMO SE FAZ UM COMANDO

Texto de MAX GOLD

Fotos RÁDIO CONTINENTAL



Chega a notícia! Vem dos setores ou de algum repórter-amador. São atendidos pelo ramal da mesa telefônica ou pelo aparelho diretor, oficial e linhas permanentes. O locutor Isaac Zaltman, chefe do Serviço da Hora-Certa faz a anotação que vai ao redator Luís Câmara, que prepara a nota. A rádio-escuta Neusa Fernandes cuida da estatística, indicando o horário das irradiações, duração dos noticiosos, etc. O auxiliar José Peçanha é o encarregado do arquivo.



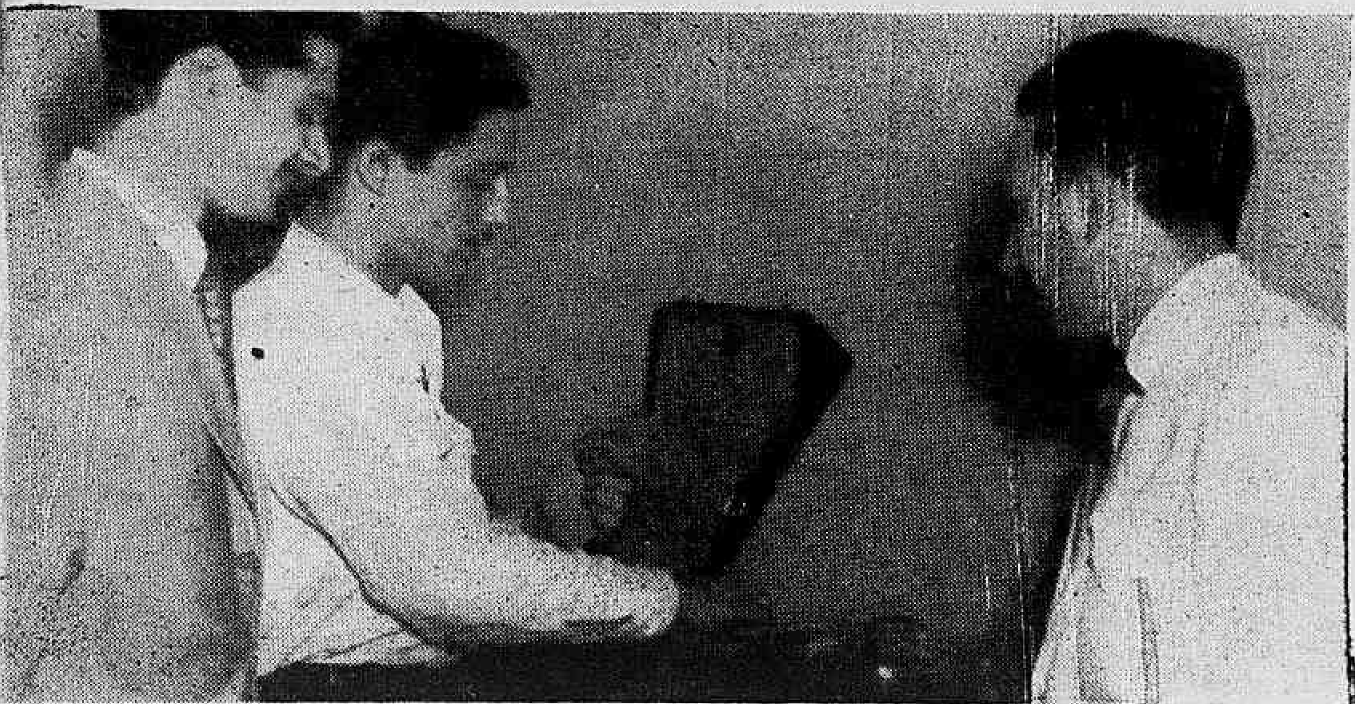
No Departamento de Noticiário e Reportagens o redator Fernando Cardoso datilografa a nota por êle «rádio-preparada». A revisão cabe ao secretário de plantão (no caso, Renan França, representante junto aos Tribunais Eleitorais), indo por último à mesa de leitura, para a divulgação pelo ar., Locutor: Edison Silva.



Simultâneamente a secção de «comandos» entra em ação. O material e aparelhagem de irradiação é prèviamente testado no Departamento Técnico sob a assistência de um rádio-repórter. Na foto: o locutor Erik Vargas e o operador Crisóstomo Soares. Os «comandos» vão atacar a qualquer hora!



Vai entrar o «comando»! O locutor (Armando Feitosa) faz a passagem do estúdio para a equipe externa, atendendo ao sinal da cabine do contrôle onde está o operador Waldyr da Silva. A cronometragem está a cargo de um redator do DNR: Ito Rocha. Os «comandos» devem durar exatamente 3 minutos, substituindo um número musical do roteiro da programação.



Na secção de gravações, o chefe do serviço, que é também o do serviço técnico externo (Carlos Campanela) faz o registro magnético, em aparelhagem especial, de tôdas as irradiações externas, para efeito de documentação, re-transmissão e demais fins. Os rádio-repórteres José Grossi (à esquerda) e Eugênio Lyra Filho, da equipe dos «comandos», são, na ocasião, os encarregados de supervisionar a operação.



... e, enquanto isso, os «comandos» atacam! Desastre, chegadas, incêndios... Tudo isso é «assunto» para os «comandos». Na irradiação dos incêndios, procuram, de preferência, transmitir de pontos elevados, de onde se descortine uma perspectiva mais ampla. Dêsse «mirante», com o microfone-se-fio, o rdio-repórter Manoel Jorge (responsável pelo DNR), descreve o que estiver ocorrendo. No amplicador, o rádio-técnico Bruno Nalesso. O locutor-comercial é o «speaker» Alex de Oliveira. O diretor do Departamento Técnico (Dalmo Dias) assiste pessoalmente ao desenvolvimento dos trabalhos.

CINE ROMANCE



Uma dúvida cruel corroía o cérebro dos três homens. Todos supunham que as suas respectivas espôsas haviam tido um caso amoroso com o rico Maxwell Bard.

TRÊS MARIDOS

O céu deve ter-se transformado numa alegre sinfonia de gargalhadas no dia da morte de Maxwell Bard. Os deuses, — isso é freqüentemente esquecido — têm um grande senso-de-humor. Max também tinha. Pobre Max! Se o seu coração fôsse tão forte como o seu diletantismo ardoroso pelas pequenas ironias da vida, talvez não houvesse motivo para as três cartas confidenciais que êle deixou com a recomendação de sòmente serem entregues depois de sua morte, endereçadas aos seus três melhores amigos. Então, talvez êle mesmo resolvesse a situação, em vez de ter de pedir à Assistente da Secretária do Departamento de Descidas, que lhe concedesse vinte-e-quatro horas para voltar a Terra para presenciar o desenrolar dos acontecimentos.

Mas, isso, certamente, estragaria as gargalhadas dos deuses.

Arthur Evans, que havia sido o sócio de Maxwell Bard, não estava absolutamente alegre quando entrou em seu apartamento nos subúrbios de San Francisco. Apenas uma hora atrás, Wurdeman, o advogado de Max lhe tinha dado um envelope selado. Todos os três destinatários supunham que os chamados de Wurdeman tivessem alguma coisa a ver com o testamento de Max. Os três eram: — Evans; Ken Whittaker, o simpático primo de Max; Dan MacCabe, o enorme e tagarela aficionado das corridas e amicíssimo de Max, a quem dava as "barbadas".

O conteúdo das cartas que os outros dois haviam recebido era uma incógnita para Evans. Para êle esta carta havia sido uma surprêsa que o abatera imediatamente.

Um caso de amor? Max e Jane?

Os dois garotos de Arthur estavam correndo dentro da casa, gritando como índios. No entanto, êle esqueceu-se completamente de falar-lhes. Caminhou diretamente para a sala e parou estático, com os olhos voltados para o passado, fixando os olhos numa fotografia, na qual estava uma dedicatória: *"Para Jane e Arthur, com todo o meu amor"*. Max parecia responder ao seu olhar. A sua expressão bem conhecida, maliciosa, estava tão bem fixada como se êle ainda estivesse vivo, com um sorriso de mofa, cujas linhas acentuavam as curvas de seus lábios.

— Não — disse Arthur, falando consigo mesmo. — Não! E' impossível! *Mas aconteceu? Será que aconteceu?*

Sempre fôra de seu conhecimento que as mulheres brigavam por Max. O seu telefone estava continuamente tocando, u'a mulher após outra; naquelas noites nos belíssimos e luxuosos aposentos de Max tivera oportunidade de notar êste fato. Todos freqüentavam a casa de Max. Jane não era nenhuma exceção. Os dois haviam freqüentado os concêrtos sinfônicos das quartas-feiras há vários anos, temporada após temporada. *Mas... um caso de amor?*

— Gosto demasiado de mulheres para fazer uma delas minha espôsa — Max costumava dizer. Quem não se riria de uma idéia dessas, entre dois cálices de um martini? Bem, mas agora não era nenhum "cocktail" e Evans lembrou-se imediatamente das palavras de Max, à medida que os seus acabaram de deslizar por sôbre o papel.

— Você subestima a natureza emocional de sua espôsa — tinha-lhe dito Max numa daquelas noitinhas não muito afastadas pelo tempo. — Jane é u'a mulher muito sentimental.

Arthur limitou-se a dar de ombros. Quem poderia conhecer Jane melhor do que êle, o seu próprio marido? Graças a Deus, ela nunca se sentia mais feliz do que quando via tôda a sua família metida na cama meia-hora depois das oito da noite... após tomar leite quente!

Êle, Arthur, era o que tinha uma naturêza emocional, sob a máscara de um homem inflexível e monótono como deveria parecer aos outros, personificando o homem de negócios. Em verdade, como êle era diferente! Max, dentre tôda a gente, deveria saber disso melhor do que ninguém. Êle até o tinha apresentado à Matilda!

Matilda era uma artista, e Max havia feito a apresentação no Bar Guglielmo, durante um "cocktail", frisando que ela tinha talento e era a única pessoa capaz de preparar os cartazes de propaganda da firma. Sòmente um olhar foi necessário para que Arthur também disto tivesse certeza. Ela era tão jovem... tão linda... suas roupas punham ênfase na sua beleza... até os seus mínimos gestos demonstravam a sua beleza. O modo de segurar o cigarro, a maneira de fumar, o sorriso... Matilda era uma criatura etérea que, embora vivesse neste mundo pertencia ao outro. Como poderia haver lugar neste mundo tão cruel para uma pessoa tão bela como Matilda? Arthur sentia que poderia quebrá-la em duas se quisesse. Não, ela não pertencia a êste mundo de traições e de tanta violência.

— Nunca pensei que fôsse como você a artista de Max — dissera êle na ocasião, parando de pensar, pois tinha a impressão de que ela poderia ler até os pensamentos encerrados nos mais longínquos recantos de seu cérebro.

— O senhor é muito galanteador.

— O Sir Lancelot dos subúrbios — murmurou Max. — Não caia nesta arapuca. Ela gosta de beber



No dia seguinte as três espôsas se encontraram no escritório do advogado Wurdeman, a fim de ouvir a leitura do testamento de Max e providenciar os papéis de divórcio.



As festas de Max eram sempre revestidas de brilho social. O seu aniversário era motivo para uma dessas festas e lá se solidificou o amor de Matilda Clegg e Arthur Evans.

Título original:

THREE HUSBANDS

ELENCO:

Lucille McCace	EVE ARDEN
Jane Evans	RUTH WARRICK
Mary Whittaker	VANESSA BROWN
Dan McCabe	HOWARD DA SILVA
Arthur Evans	SHEPPERD STRUDWICK
Kenneth Whittaker	ROBERT KANES
Maxwell Bard	EMLYN WILLIAMS
Mrs. Whittaker	BILLIE BURKE
Matilda Clegg	LOUISE ERICKSON
Mr. Wurdeman	JONATHAN HALE
Mrs. Wurdeman	JANE DARWELL

Uma produção da Glória Film, distribuida pela United Artists. Direção de Irving Reis. Produção de I.G. Goldsmith. Cenário de Vera Caspary e Edward Eliscu. Baseado numa história de Vera Caspary. Tradução e adaptação de Antônio Rocha.

de luvas porque isto lhe dá a sensação de que é uma aventureira. Apesar de tudo, ela tem talento. Falando sôbre os cartazes...

Quem se importava com os cartazes? Enquanto tomava a sua bebida, Matilda o olhava com olhos cristalinos, fitando os olhos em seus próprios olhos. Arthur fizera o mesmo. Como era linda! A música divina do amor chegou-lhes aos ouvidos e ajudados pelos "drinks", sairam dêste mundo, penetrando num outro, no de Matilda. Max esgueirou-se maliciosamente por dentre as mesas e foi embora. O mundo desaparecera. Sòmente os dois existiam... os dois, sòmente.

Nas poucas semanas que se passaram, Matilda mostrou a Arthur algumas belezas da vida, pequenas coisas sem importância, mas que para quem tem sensibilidade significavam tanto! Coisas que êle nunca pensara em encontrar em sua rotineira vida em companhia de Jane. Claro que Jane de nada suspeitava, aceitando quietamente a sua desculpa de um "rush" de trabalho no escritório e de que êle precisava trabalhar à noite.

E as semanas passavam. Quando chegou a época do aniversário de Max, motivo para uma festa, Arthur já estava por demais envolvido naquele caso de amor em nada platônico, mesmo porque não existe amor platônico. Aquela festa! As portas do terraço estavam abertas. Os convidados de ora em quando paravam alguns instantes no "buffet" e comiam alguma coisa delicadamente, mas desejando fazê-lo como um animal irracional. E os casais dançavam. Todos os amigos de Max ali se encontravam.

Propositadamente, Matilda chegara atrasada, entrando com tal majestade e elegância como se estivesse entrando em cena, num teatro superlotado. O seu vampiresco vestido negro, exageradamente decotado, acentuava a beleza de seus ombros bem contornados e Arthur achou-a encantadora, maravilhosa, quando ela entrou, dizendo: "Querido Max". Max tomou a seu cargo efetuar as apresentações e se aproximou dos Evans.

— Êste é um prazer inesperado — disse sorrindo Arthur, com falsa formalidade.

Jane simplesmente disse:

— Já tenho ouvido falar tanto a seu respeito!

Por um instante Arthur e Matilda sentiram-se gélidos. Será que ela sabia? Felizmente, tôdas as dúvidas foram desfeitas, pois ela continuou alegremente:

— Arthur tem uma verdadeira loucura por seu trabalho... e o mesmo acontece comigo.

Logo que conseguiu livrar-se do grupo, Matilda se dirigiu ao terraço. Enquanto Max e Jane tocavam e cantavam um dueto, Arthur, audaciosamente, seguiu Matilda.

Ela já o esperava e foi imediatamente dizendo:

— Querido! Estou desesperada!

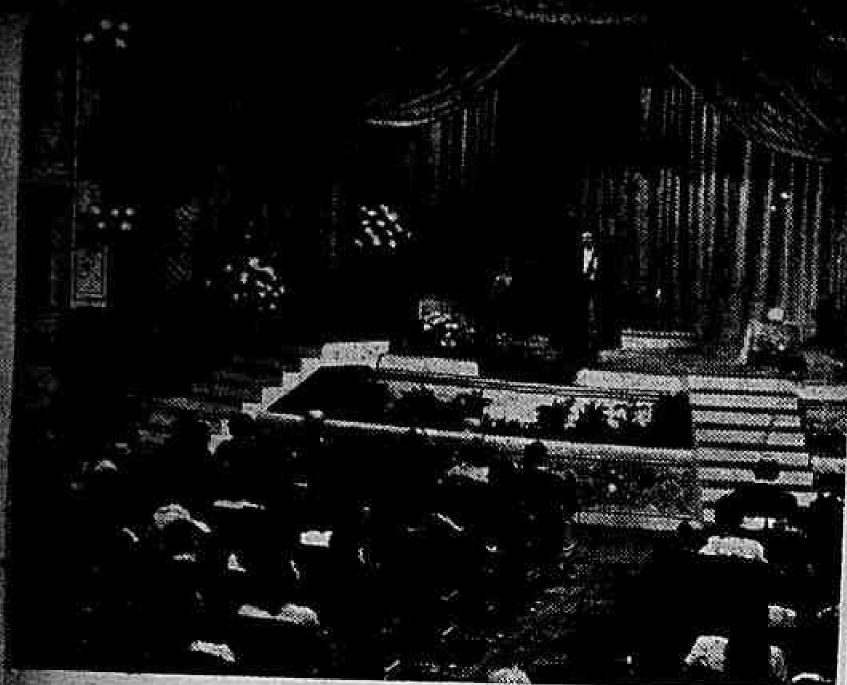
(*Cont. na pág.* 24)



Qual a mulher que não se sentiria atraída pelo dinheiro e lábia de Maxwell Bard? Todos pensavam na mesma coisa e desconfiavam das espôsas. Max, levava tudo na brincadeira...



Max negou que conhecesse o seu primo e o guarda o levou para a cadeia. Assim, o jovem passou a noite de aniversário de casamento nas grades e quase perdeu a espôsa...



A falsidade do cinema argentino está demonstrada nesta foto onde vemos todos os assistentes de rigor, coisa que não é comum nos habitantes dêste país. A cena é do filme «Fascinação».



«Marihuana» (Cocaina) mostra de uma forma pouco decente o contrabando da terrível droga e seus efeitos nos enfermos. Não constituindo problema para o país, mais uma vez foge à realidade



Importação do vilão hollywoodense. Observe-se o trajar, o tipo patibular dêste delinqüente argentino que mais parece um personagem do filme de Max Hellinger ou um rival de Raft.

RADIOGRAFIA DO CINEMA ARGENTINO

CINE-ÓPIO OU CINE-ARTE?

BUENOS AIRES, janeiro — O cinema argentino é uma verdadeira "Cortina de Ferro". Alguma analogia ou pareceres com situações políticas ou internacionais? — perguntará o leitor. Sua referência é puramente casual. E' nosso desejo ocupar-nos da "Cortina de Ferro" que divide algumas classes, por assim dizer, técnico-artisticas do cinema argentino, prescindindo de intentar denunciar abusos e muito menos escândalos. A análise difere de qualquer questão de indole materialista, pelo fato de inspirar-se num critério de arte, preparando os caminhos de um problema que não é brasileiro, mas que nos afeta, tratando-se de cinema, seja êle qual fôr. O cinema argentino sofre uma profunda crise. A simples comprovação equivale a mais um grito de alarma que assinala uma brecha numa das indústrias atualmente mais importantes ao serviço da Argentina, já que o cinema platense é "Indústria Argentina". O sintoma é grave, porquanto se identifica com os motivos que caracterizam a crise que sofre tôda a produção filmica mundial, especialmente a americana. Não nos parece então de má-fé estudar as causas para eliminar os efeitos. O público argentino está saturado de comédias, novelas, contos, revistas, operetas, dramas, obras clássicas e canções com orquestras, cantores e atores de rádio. Está cansado de assistir à projeção na tela da "baixa literatura filmada". Há pouco, um critico argentino dizia a um conhecido produtor: "Basta de literatura e canções. Que se produzam filmes. Que se escrevam argumentos originais para o cinema. E que sejam os verdadeiros técnicos cinematográficcs, exclusivamente êles, os que transportem para a tela os temas cinematográficos". No campo da produção filmica (o fenômeno é universal), tem

— O ÔPIO DAS CONSCIÊNCIAS MA PLATENSE ★ O "ESTADO" TOTALITÁRIO QUE SE CRIOU NO "ESTADO" DO CINEMA ★ A ESTANDARTIZAÇÃO DOS ARGUMENTOS ★ FALSEANDO A PRÓPRIA VIDA E COSTUMES DOS ARGENTINOS ★ OS PRODUTORES NÃO ESTÃO CORRESPONDENDO À PROTEÇÃO DAS AUTORIDADES ★ SERÁ QUE O NOVO DECRETO VAI MUDAR O PANORAMA ★ GANÂNCIA: — O ÔPIO DAS CONCIÊNCIAS CINEMATOGRÁFICAS.

De ALBERTO CONRADO (Enviado Especial de "A CENA" aos países da América Latina)

prevalecido o abuso de se permitir a inclusão no ambiente de elementos incapazes, falando profissionalmente, os quais, por ignorância dos cânones elementares, entorpecem o progresso de tudo que seja bom cinema. A boa capacidade na sua profissão, apesar de se tratar de pessoas ilustres, não justifica sua presença num setor técnico-artistico (e também literário), onde sòmente a fantasia e o prestigio de "saber escrever" não são suficientes para cobrir a carência de noções técnicas. A técnica cinematográfica é complexa ("complicada", diria um humorista), de noções profissionais que não se aprendem com a exatidão dos livros de texto, enquanto não exista quem autorizadamente possa assentar cátedra. Como afirmação temos a péssima experiência oferecida por um dos mais renomados homens do teatro argentino que, improvisado por si mesmo em adaptador de um grandioso filme histórico, transplantado de uma famosa comédia sua, resultou numa mediocre transposição para a tela de um trabalho cênico. E o diretor, homem de comprovadas qualidades artisticas, teve que suportar aquela adaptação, porque era assinada por um autêntico gênio do campo teatral.

Deduz-se, por isso, que escrever para o teatro é uma coisa bastante diferente de escrever para o cinema sem conhecer sua técnica. A êste respeito, são muito escassos os técnicos (referimo-nos aos argumentistas e adaptadores), que estão representados exclusivamente pelas firmas produtoras, que estandardizam os temas e os argumentos de 99 por cento dos filmes argentinos. E' claro que os produtores cinematográficos nunca se interrogaram de como é diferente a supremacia que é conferida aos exclusivistas no sagrado direito ao monopólio. Natural seja que o direito subsista e que brote da debilidade dos produtores frente à fascinação da "assinatura ilustre" ou "consagrada" que, errôneamente, acreditam estar ligadas ao êxito de bilheteria. Apesar de os resultados parecerem dar-lhes razão, ao considerar o concurso do público, ao menos na "caixa da bilheteria", o êxito do cinema argentino subsiste porque o público dêste pais acredita no progresso do seu cinema. Está convencido de que a cinematografia platense trabalha em busca de seu melhor caminho... mas, estão traindo, paulatinamente, a confiança da massa

Até nos seus tipos de mulheres os argentinos copiam a fórmula do «glamour» fabricado nos estúdios de Culver City. O tipo, a expressão do olhar e o enfoque, de Delfy Ortega, o mostram.



«Juan Mondiola», personagem típico argentino, pecou pela falsidade da psicologia de seu intérprete e pela ostentação de luxuosos apartamentos contrariando a grande crise de habitação.



Pedro Lopes Lagar em «A barca sem pescador», compõe um tipo de financista tipo Wall Street alheio à idiosincrasia argentina. O outro personagem parece uma cópia frustrada de Lugosi.





Apesar de nas comédias os argentinos mostrarem maior originalidade, a influência de Hollwood é notória, no resolver das situações. Pepe Iglésias, cômico argentino, é «plágio» de Red Skelton.

Uma realização contraproducente é «O médico e o monstro» pois resulta ambiciosa, dado a que a conhecida novela de Stevenson foi inúmeras vêzes filmada com processos técnicos adiantados.

Outra cena tipicamente americana. O criminoso encurralado (como quase todos os filmes de James Cagney), espera selvàticamente, e de revólver, os policiais que saltam decididos de um jeep

de espectadores. Verifica-se na contrariedade que a maioria dos filmes argentinos provoca na platéia quando o diretor veste os extras com "smokings" e os leva aos teatros, quando não é hábito dos argentinos; quando manifestam tendências pelos "interiores de estilo americano", com luxuosos apartamentos, amplos, quando a crise de habitação é tremenda na Argentina; quando surgem automóveis de último modêlo, quando todos sabemos que está proibida a importação; quando focalizam o problema do contrabando de ópio, cocaina e outros entorpecentes, quando se sabe que aqui não existe êsse vício, a não ser em casos esporádicos e de longa memória. Outro fator é a teimosia em adaptar obras estrangeiras ou já levadas ao cinema em outras terras e de inteiro domínio universal, quando existem temas argentinos interessantes. Temos o exemplo da realização do filme "O Médico e o Monstro" feito aqui nos estúdios argentinos, película já filmada duas vêzes nos Estados Unidos e na Europa. Qual será a posibilidade da técnica argentina frente à indiscutivel supremacia dos estúdios da Metro?... Encontrar o sentido nacional do cinema argentino não é tarefa fácil para êles, porque correm o perigo de cair no falso nacionalismo, que é, afinal, o antidoto do nacional.

Temos, entretanto, a plena certeza de que os argentinos não pensam que sua personalidade se limita ao "malambo" ou, como outros afirmam, no "tango". Os pampas e a Bôca não podem, por si só, ser o meridiano do argentino. Daí resulta justamente que, na maioria dos filmes argentinos, os produtores tomaram mecânicamente os temas mencionados. O caminho do cinema argentino deve trilhar-se no significado das suas grandes figuras, nos feitos históricos e nas obras literárias representativas, com as figuras e os costumes vulgares e comuns, com as coisas cotidianas, nas quais cada um vê um pouco de si mesmo e reconhece sua existência. Não são essas caracteristicas o principal motivo êxito do cinema europeu de após-guerra? Deve ser o real e não o falso. A sua vida e não a imitação da sua vida. Se esta é a pura expressão da verdade, existe outra mais grave. Francamente, a verdade é bem outra. Não existe uma carência de técnicos nos estúdios argentinos. Não há crise de argumentos. Não é verdade também que o cinema platense se situa na mediocridade. Os culpados são os produtores ao não aproveitar os recursos que o país põe à sua disposição e a incondicional proteção que recebem do govêrno, que chega a financiar 70% do custo total dos filmes. A culpa pertence à "Cortina de Ferro". Do "Estado" totalitário que se criou no "Estado" do cinema argentino. De um regime absolutista, ditatorial, contra o qual a imprensa se está levantando em nome da Arte para que sucumbam os inimigos da liberdade e da democracia artisticas. A tal ponto chegou êsse alarmante estado de coisas que as autoridades viram-se obrigadas a intervir, aprovando o decreto que transcrevemos para provar os nossos conceitos:

"La Subsecretaría de Informaciones de la Presidencia de la Nación dictó una resolución de transcendental importancia para el futuro del cine argentino, por medio de la cual se ha de velar por la buena calidad y elevado estado cultural de las peliculas.

El texto de dicha resolución es el siguiente:

"Visto lo dispuesto en el decreto N. 16.688-50, por el que se encomienda a la Subsecretaría de Informaciones vigilar el cumplimiento de lo dispuesto en las leyes 12.999 y 13.651, de fomento de la industria cinematográfica argentina con el fin de velar por el nivel cultural y artistico de las peliculas nacionales y considerando:

que para la calificación de las peliculas argentinas de largo metraje cuya protección y apoyo se dispone por las leyes de referencia es necesario tener en cuenta su calidad artística y valor cultural;

que en consecuencia corresponde que al realizar el examen para la inclusión de las peliculas dentro de los beneficios que otorgan dichas disposiciones, se tenga especial cuidado de que el desarrollo del argumento, escenas, diálogos y demás expresiones que se refieren a nuestra nacionalidad reflejen su verdadera ideología, costumbres, etcétera, de una manera clara e inconfundible;

y que por lo tanto cualquier pelicula que de alguna manera exhiba costumbres, problemas sociales o alguna manifestación que pueda afectar el elevado nivel moral y cultural alcanzado por el pueblo argentino, no debe ser incluida dentro de lo prescripto en las disposiciones de las leyes mencionadas;

Por lo expuesto, el subsecretario de Informaciones resuelve:

"A los fines de lo dispuesto en el articulo 14 del decreto número 16.688-50, la Dirección General de Espectáculos Públicos vigilará especialmente que las peliculas sometidas a su examen se hayan realizado con el mayor respeto a las condiciones culturales alcanzadas por el pueblo argentino, rechazando las que no reúnan dichas condiciones.

"2º — Hágase saber a quien corresponda y archivese.

(Fdo.): *Raul A. Apold*".

Se é verdade que, na parte técnica, o cinema argentino apresenta apreciáveis progressos, o mesmo não podemos dizer quanto à sua essência. O conteúdo das peliculas argentinas deixa muito a desejar. A trivialidade dos temas, sua falta de interêsse, sua carência de originalidade, os "abacaxis" de que fazem alarde ou o pedantismo que acusam repetidas vêzes, alegando "exigências do mercado internacional" e, sobretudo, uma falta fundamental: a ausência de um autêntico sentido nacional, que evidência seu desapêgo por êste país e por êste povo, constituem deficiências lamentáveis e que determinam, em grande parte, o notório atraso da qualidade do cinema argentino. Idêntica observação cabe formular no que respeita aos diretores que, por sua principal importância na orientação e realização dos filmes, devem ser indicados como diretamente responsáveis do baixo nivel e falta de jerarquia do celulóide platense. Na sua quase totalidade, os diretores argentino demonstram uma propensão pela "rotina" que, ao mesmo tempo que manifesta sua ausência total de voca-

(Cont. na pág. 32)

Argumentos de profundo arraigo argentino com personagens que exaltem a autêntica expressão platense é o que requer o cinema dêste país. «A história do tango» devia ser contada no Brasil.

«Dez segundos» não é nada mais de que uma história policial ao estilo ianque com o clássico chavão do menino que foi obrigado a roubar. Observe-se a cena com todos os pormenores.

O caso psicológico de um homem de certa idade obcessionado por uma jovem que o repudia, tema tão gasto pelos ianques e europeus, constitui o filme puramente pedante «A fôrça cega».







O ROMANCE

MAIS COMENTADO DE HOLLYWOOD



Esta é a noiva Adele Mara, a linda estrêla de «Fúria dos Peles Vermelhas»

Os colunistas de mexericos cinematográficos de Hollywood, andam ùltimamente atarefados comentando o romance entre dois ,dos mais populares astros da Republic, ou sejam Adele Mara e Forrest Tucker.

Apesar de haverem ambos trabalhado nos estúdios dessa Companhia por vários anos, nunca haviam êles antes aparecido juntos em nenhuma pelicula até «Iwo Jima», na qual Adele casa-se com John Agar e não tem nenhum romance com Forrest.

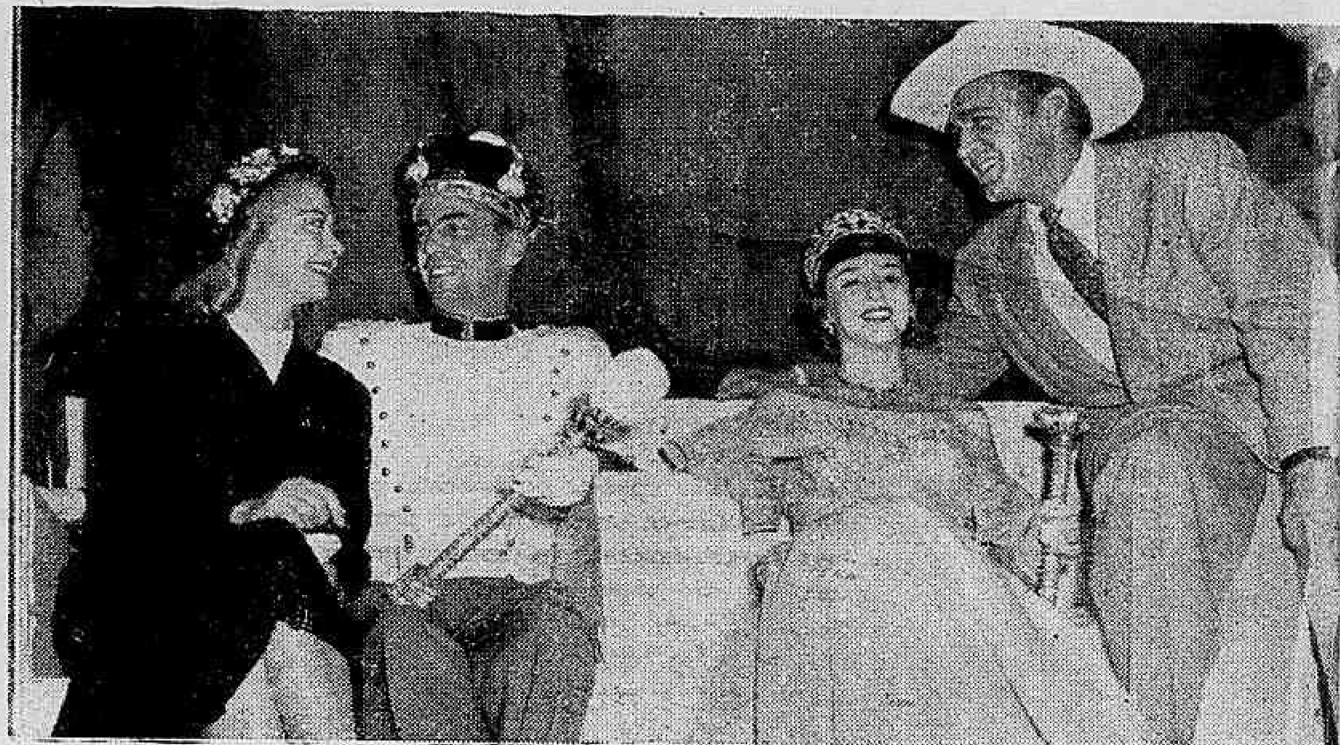
Êles fizeram camaradagem durante as viagens que empreenderam a várias cidades, onde se realizaram as «premières» dêsse filme e foram depois designados para atuar juntos, como a dupla romântica de «Fúria dos Peles Vermelhas».

Por êsse tempo, já amigos mais intimos, êles viajaram novamente juntos numa série de apresentações pesoais em conecção com a «première» dêste outro filme. Adele e Forrest visitaram quatro cidades em companhia da sra. Mara (progenitora de Adele), de Mr. Herbert J. Yatos, presidente da Republic, e de cinco outros famosos astros dessa companhia.

Essas «tournées» podem tornar-se enfadantes para muitos astros e estrêlas da tela, porém as fotografias tiradas durante essa viagem, provam que tanto Forrest como Adele divertiram-se a valer com a companhia um do outro. Longos ensaios nos estúdios de rádio, para os seus inúmeros programas radiofônicos, visitas aos parques de diversões; comparecimento à festas em sua homenagem e inúmeros outros compromissos não foram uma obrigação, mas um bom divertimento para êles. Dizem que o casamento já está marcado...



Forrest presenteia Adele com um urso de pelúcia ganho num jôgo de tiro-ao-alvo, no parque de diversões.



Finalisando, aqui estão os dois noivinhos travando conhecimento com suas Magestades, o Rei e a Rainha do «Carnaval do Algodão».



Forrest Tucker e Adele Mara aparecem em companhia de Pat Breen na estação rádiofônica KTUL, na cidade de Tulsa, durante a sua «tournée» de apresentações para a «première» de «Fúria dos Peles Vermelhas».



Ambos iniciaram nova «tournée» às estações radiofônicas em Menphis.



Èste é o noivo Forrest Tucker, que vem conquistando o amor de Adele.



Devemos embarcar no «tunel do amor»?...



Tucker e Mara lêem o jornal de Menphis, «Comercial Appeal», no aviã que os leva àquela cidade e, por seu intermédio, tomam conheciment de que, quando lá chegarem, o famoso «Carnaval do Algodão» estará n seu apogeu, o que os enche de grandes espectativas.

FILMAGENS NO VALE DO PÓ

EXISTE uma região no Vale do Pó onde, todos os anos, no ms de junho as vidas de algumas milhares de mulheres saídas das várias regiões da Itália — dão a aparência de um retôrno à origem, aos tempos primitivos, em cenas que fazem lembrar as imensas planícies, rios e plantações da China tal como a viu Pearl S. Buck em «Good Earth» (China, velha China). Em semelhante ambiente, um punhado da humanidade tenaz leva a efeito uma batalha diária contra a natureza. Esta região compreende os territórios circundantes de Vercelli, Novara, do baixo Milão, e a região de Lomellina — onde o arroz é cultivado. Ali, por um período de quarenta dias cada ano, chegam mulheres de tôdas as idades e de tôda espécie de trabalho — operárias, camponêsas, comerciárias, bancárias, e até alguns estudantes e dactilógrafas — tôdas provenientes das províncias do norte, da Ligúria, Piemonte, Lombárdia, Venetia e Emília.

Algumas vêm com a intenção de beneficiar-se um pouco da vida ao ar livre (espécie de férias proveitosas também econômicamente), outras excitadas pelo espírito de aventura e amor à liberdade, mas a maior parte vem por necessidade — a vontade de ganhar as 40.000 liras e os 40 quilos de arroz que recebe cada uma no fim do período da colheita e que as capacitam a comprar roupas apropriadas para o inverno, ou ajuda suas famílias a sobreviver, ou ainda, em alguns casos, completam o enxoval de casamento.

O trabalho das colhedoras de arroz é terrivelmente exàustivo. Hora por hora elas ficam expostas ao sol ardente, ocupadas na remoção da terra das pequeninas touceiras de arroz, pràticamente enterradas até aos joelhos na água e na lama, pés e tornozelos embebidos no pântano, na lama fétida, entre um sub-mundo de sapos e répteis; enquanto isso as faces e os braços são submetidos a um contínuo bombardeio por legiões de mosquitos bravos atraidos pelo odor de milhares de corpos que transpiram.

As colhedoras de arroz marcham para o trabalho tôdas as manhãs, com a aurora nascente, de saias e calças arregaçadas, e movem-se na várzea na qual o reflexo das nuvens se confunde, às vêzes, com a sombra dos grilos e rãs que entoam uma sinfonia desesperada e incômoda! Elas trabalham dez horas por dia, das seis da manhã às quatro da tarde. Algumas cantam (porque é proíbido falar, e os feitores ali estão para punir, símbolos da prepotência), outras espiam caladas, outras se balançam num movimento que ajuda o trabalho.

Quando a noite desce, elas se banham na água fresca de alguns regatos escondidos entre altas e frondosas árvores das vizinhanças, e isso renova-as, refresca-as dos pés à cabeça, dá-lhes novo ânimo. Então elas se retiram para uma pequena granja de dormitórios coletivos onde existe uma disciplina de rigidez quase militar. E, todavia, algumas existem que, olvidando a fadiga e o sono, e manobrando para fugir à vigilância dos guardas-noturnos, cuidadosamente e, de mansinho, pulam janelas e desaparecem na mata para encontrar amigos, e amar sob a céu estrelado. E tudo isso tem lugar apenas a poucas milhas de distância das grandes cidades do norte da Itália — uma vida alimentada por terra e água, favorecendo o despertar de paixões primitivas e dos instintos que termina com o fim da estação. E' em ambiente de tal natureza que a história de «Arroz Amango» (Riso Amaro) surge — e aquela vida extraordinária foi sentido e experimentada por 3 meses em cada aspecto de sua dura realidade pelo pessoal que a Lux-Film (distribuida no Brasil pela Art Films) ali havia enviado sob a direção de Giuseppe De Santis para realizar o filme.

Foi como uma vida de pioneiros ou colonizadores, uma experiência nova para os bandeirantes da cinematogragia, uma vida que lembra em muito a dos velhos eremitas das Cruzadas, ou, vista de outro ponto, particularmente em momentos de máu humor devido ao clima e aos inconvenientes do local, como se os cinegrafistas fossem de-repente membros novos aceitos numa sociedade secreta. E durante as longas horas de ócio forçado, alguém da equipe sentia-se como membro de uma equipagem de um navio perdido no mar de Sargaços.

Uma vida para que muitos significou o inesperado, a fuga e evasão da rotina da vida urbana. Sobretudo, serviu para pôr à prova os nervos de cada um, tanto durante as horas de trabalho como durante as longas horas e dias de inércia, quando todos pensavam que não poderiam resistir por mais tempo o cerrado ataque dos batalhões de mosquitos.

O que trouxe o elemento inesperado para a troupe do filme, confinada por 75 dias à vida nos campos de arroz foram chue seu pessoal para dar maior calor e «humanidade» à trama vas, greves («paredes» no «duro», aproveitadas por De Santis do filme) e incêndios.

Tomaram parte 42 técnicos, 22 atores e centenas de extras, totalizando 11.500 dias de trabalho. Qualquer um que tivesse ilusões sôbre as «delícias» do trabalho cinematográfico, participando da equipe que fêz «Arroz Amargo» ganhou uma experiência inesquecível, e aprendeu que fazer cinema não é tão fácil como se diz... Pelo menos, fazer bom cinema...

«Arroz Amargo» (Riso Amaro), como se sabe, tem por intérpretes principais Vittorio Gassmann, Doris Dowling, Faf Vallone e a super-beleza de hidrogênio italiana, Silvana Mangano, uma bomba por que muitos gostariam de explodir...



JUNE HAVER
(Warner)

ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

III

DÉCIO VIEIRA OTTONI

NASCEU a 5 de fevereiro de 1926. E' natural da cidade de Teófilo Otoni, Estado de Minas Gerais. Filho de Elviro Vieira Otoni, tabelião e pequeno latifundiário. Começou a tomar interêsse pelo cinema em 1940, como complexo estético. Não tem curso concluído. Fêz o segundo ginasial em um colégio de padres (Colégio Arnaldo) e no Rio iniciou-se na Escola Nacional de Belas-Artes. Abandonou os estudos.

Não costuma ler nada sôbre cinema.

E' um desiludido com Sérgio Eisenstein, teòricamente. Tem grande admiração pelo Eisenstein prático, diretor, cineasta.

Leituras prediletas: teatro de Claudel, Sartre (que diz ter um bom ensaio sôbre cinema).

Faz questão de afirmar que nunca leu Proust (felizmente, aliás, Décio...). Gosta dos romancistas norte-americanos, principalmente, Dashiell, Hammett, William Faulkner, Raymond Chandler, William Saroyan, John dos Passos (que considera ótimo carpinteiro, isto é, "construtor" técnico) e do teatro de Eugene O'Neill.

Dos brasileiros, gosta de Lúcio Cardoso, Graciliano Ramos e Osvaldo Alves (que considera o mais ignorante e ao mesmo tempo o mais importante). Fuma quarenta cigarros marca "17" por dia.

Não bebe.

Não joga, exceto "torrinha" com Luís Alípio de Barros, disputando o café.

Adora *ragtime*.

Altura: 1,79 m.

Pêso: 54 quilos.

Religião: é ateu e supersticioso...

Odeia o rádio, perdendo com isso alguns bons (e raros) programas devido ao mêdo de se aproximar do receptor.

Mora em Icaraí, Niterói, Estado do Rio.

Casado há 2 anos.

Tem um filho de um ano e pouco.

E' nervoso: não fala no telefone, tem pavor de microfone e só conversa com três pessoas no máximo. Apesar disso, teve de enfrentar um auditório repleto para anunciar Cavalcânti no Círculo de Estudos Cinematográficos. Já escreveu para "Fôlha de Minas", "O Mundo", "Leitura", "Panfleto", "Sombra" e "Diário Carioca'.

Faz crítica cinematográfica atualmente no último dos jornais citados. Na poesia, gosta de Baudelaire, T. S. Eliot, Theophile Gautier, Paul Valéry, Paul Eluard.

Está preparando, como relator, um trabalho que a Comissão da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos apresentará ao govêrno, em benefício do Cinema Brasileiro.

Faz parte do Círculo de Estudos Cinematográficos.

Não gosta de briguinhas literárias e por isso solicitou demissão da A.B.C.C.

Filmoteca preferida: — "Adúltera", "Trágico Amanhecer", "Boulevard do Crime" (achando frágil o restante de Marcel Carné), "Grandes Esperanças", "Relíquia Macabra", "Paixão dos Fortes", "Paixões em Fúria", "Quem é o infiel?", "Rio Vermelho", "O Proscrito", "História de u'a mulher", "Fúria Sanguinária", "Um punhado de bravos", "Limite", "Os melhores anos de nossa vida", "Ato de Violência", "Antônio e Antonieta".

Trabalhos criativos de sua autoria: "Introdução ao Espírito Cinematográfico", ciclo de crônicas.

Gosta de basquetebol (para ver e jogar).

Poetas brasileiros que admira: Vinícius de Morais, Manuel Bandeira, Carlos Renegado Drummond de Andrade, Marcos Konder Reis e Geir Campos. Em pintura é fã de Chagall, Breuger.

Gosta de Sisley como gosta de música eslava (vagamente), Pancetti e Segal, e dos cartazes de Anísio Medeiros.

Tem preconceito contra o mulato brasileiro.

Gosta de negro e "mulatas".

E' alérgico à poeira e tem horror a Marcel Proust.

Viajou de avião três vêzes: caiu uma vez, e de outra passou maus pedaços.

Grandes figuras que admira: Winston Churchill, Vladimir Lenin e Luís Carlos Prestes.

Não topa fascismo, mas é definitivamente um burguês decadente (conforme suas próprias palavras).

Gosta de usar casacos curtos.

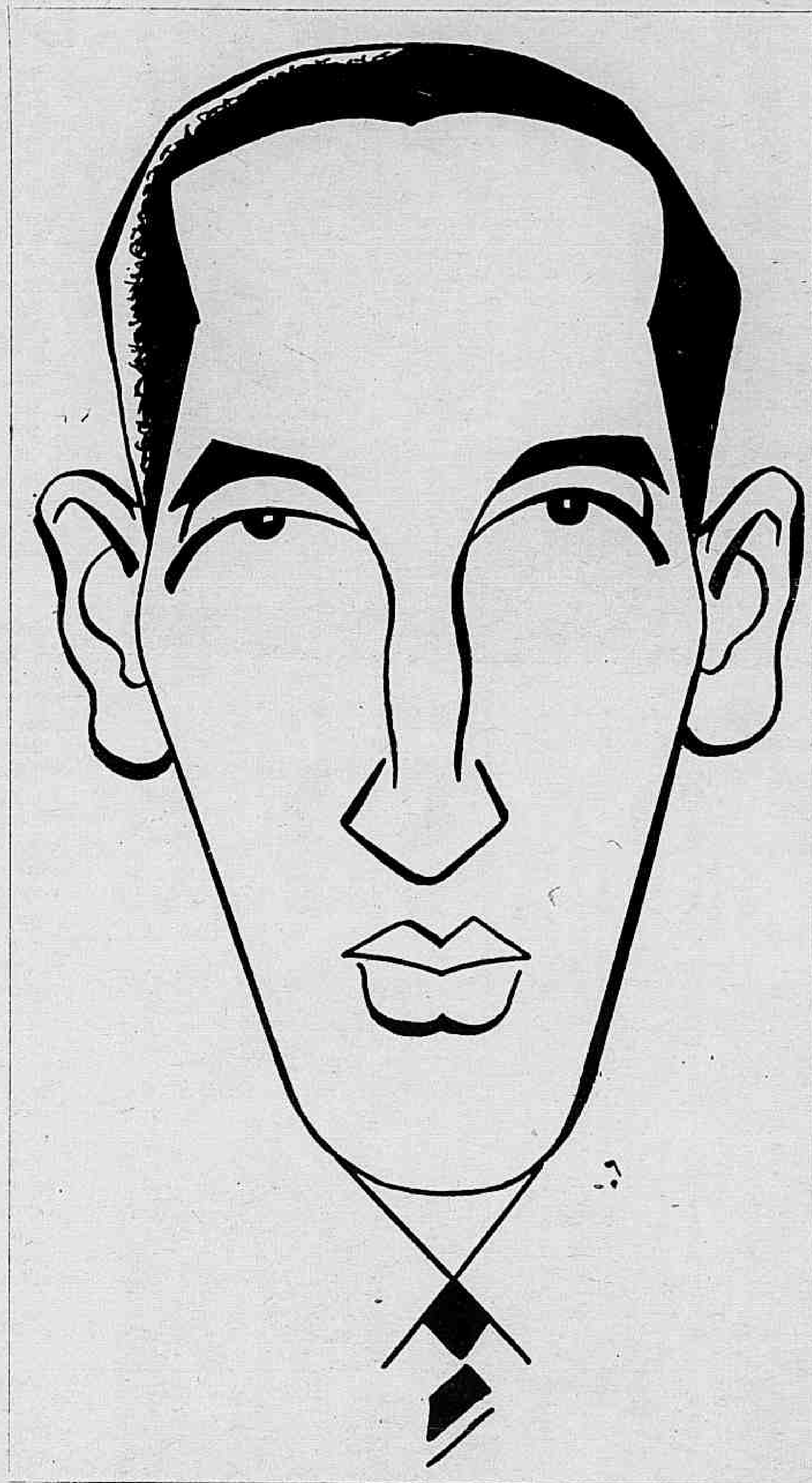
Atores de cinema preferidos: Gérard Philippe, Chaplin, Anne Baxter, Claire Trevor, Ilka Soares, Carmen Miranda e Rute de Souza.

Diretores que admira: — Hitchcock, David Lean, John Huston, Jules Dassin, Claude Autant-Lara, Jacques Becker, Rossellini, Fred Zinneman, Raoul Walsh, Watson Macedo e John Ford.

Gosta de filmes policiais e de "far-west".

Detestou o filme nacional "Caiçara", que considera o filme mais mal feito do mundo.

E' contra a bomba-atômica.



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

ANTOLOGIA: "ENTRE AS ONZE E MEIA-NOITE"

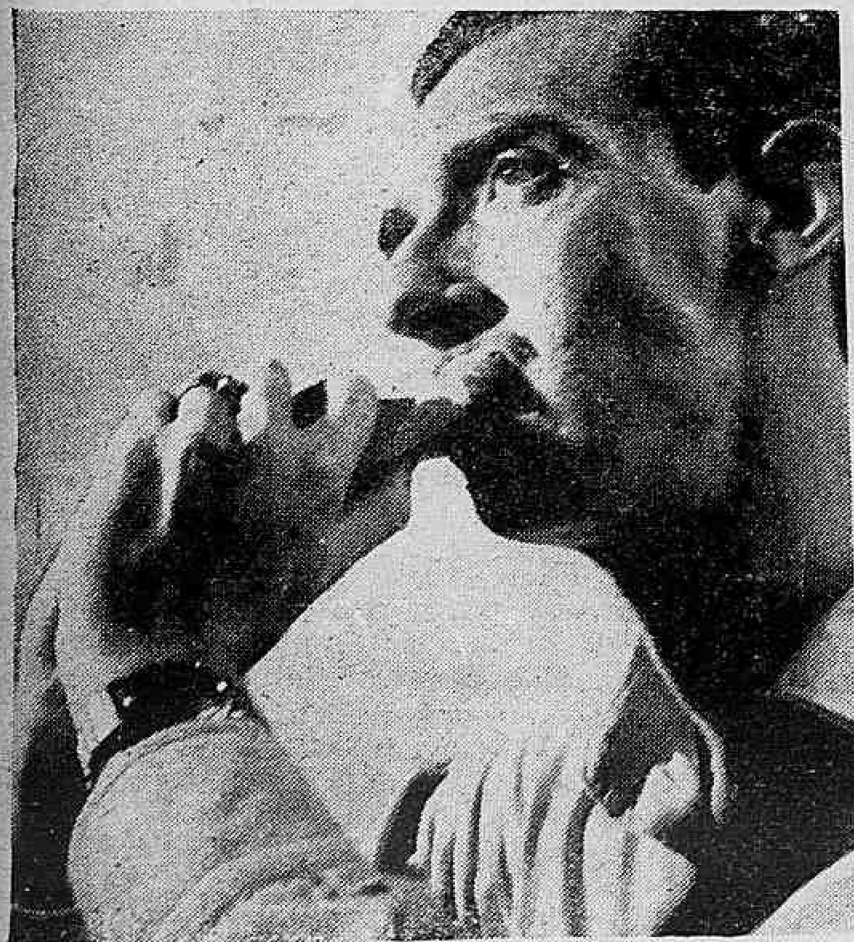
Entre Onze Heures et Minuit é um filme policial bem na linha do "Quai des Orfèvres", e principalmente de "L'Assassin Habite au 21", de Clouzot, embora inferior a ambos. Como "Verde Passional", de Laudner e Gilliat, que se caracteriza pela adoção da linha intelectual no tratamento (o crime vai sendo desvendado através da exclusão analítica das pistas falsas), "Entre as Onze e

(*Cont. na pág.* 24)



Nesta enferrujada máquina de escrever, chova ou faça sol, o advogado Hélio Tys defende o pão de cada dia.

HELIO TYS
JA' PEGOU NA VASSOURA!



A fome de produzir alia-se ao apetite voraz do «rádio-man» mayrinquiano. Mas, como os minutos são curtos, êle engana o estômago com um cachorro quente...



Dagmar, nas horas vagas, canta. Aqui, porém, ela canta o dr. Hélio Hys para ser telefonista... Com êsse palminha de cara, o Hélio fàcilmente entrega os pontos...

O PRIMEIRO CONTATO COM A RIBALTA LEVOU-O A GOSTAR DA BRINCADEIRA ★ CRÍTICO TEATRAL POR SER DO CONTRA E DIZER AS COISAS COMO DEVEM SER DITAS... ★ GANHOU MAS NÃO LEVOU, PORQUE OS CARTAZES TINHAM PREFERÊNCIA ★ GENOLINO ELOGIA O TRABALHO DE SEU SUBSTITUTO.

Reportagem de **Armando MIGUEIS**

Fotografias de **Arnaldo VIEIRA**

SOB o martelar constante da enferrujada "Remington", Hélio Tys vai compondo nova história em capitulos que, semanas a fio, deixará em suspenso os sintonizadores da Mayrink Veiga. São as peripécias vividas por um valente "boxeur", a que a imaginação fertilissima do produtor mayrinquiano vai dando o colorido especial. Com êsse trabalho, não só congratulações receberá, sabido quão dificil é agradar a gregos e troianos... E' possivel que aborreça alguma fã, levando-a a utilizar-se do telefone para dizer-lhe palavras amáveis... Em compensação, se o patrocinador não falhar, nosso amigo poderá comparecer à caixa, a fim de receber os indispensáveis cruzeiros que a emissora lhe paga.

Mas, o próprio Hélio Tys tem uma história. História que jamais será radiofonizada. São capítulos esparsos vividos pelo advogado que, a 25 de dezembro de 1925, nascia nesta incrivel Cidade Maravilhosa... Pedacinhos de uma existência desenrolada sôbre os bancos humildes da Escola Pública Epitácio Pessoa, onde lhe foi possivel travar contacto com o alfabeto e enamorar-se dessa arte que se chama teatro. E' que o então menino Hélio Tys, escolhido para interpretar um dêsses muitos monólogos infantis, pôde conhecer o nervosismo provocado pela platéia, quando se achou diante do público, ali no João Caetano. O "virus" da ribalta começou, desde então, a bulir-lhe com os nervos.

Veio, a seguir, o Colégio Pedro II. Nesse estabelecimento de ensino, entre outras coisas, coube-lhe tomar a peito a unificação dos grêmios existentes. Por êsse trabalho, viu-se eleito presidente. Mais tarde, diante do seu interêsse pelos estudos, foi galardoado com a "Pena", a mais alta honraria conferida a um aluno. Ainda, aqui, o "virus" de Molière não abandonou o promissor ginasiano. Tão logo Adacto Filho iniciou um conjunto de amadores, eis Hélio Tys figurando entre os mesmos. E, segundo soubemos, sua experiência não foi de todo má, a ponto de animá-lo a prosseguir. Dai, inscrever-se na Escola de Teatro da Prefeitura. E' que passou a encarar sèriamente a arte cênica. Mas, nesse meio tempo, apareceu Pascoal Carlos Magno. Achou-o com qualidades suficientes para ingressar no Teatro do Estudante do Brasil. Com os demais componentes do TEB participou das representações de "Palmares", "O Auto de Mofina Mendes", "O Auto de El-Rei Seleuco". Fêz o curso de férias do Teatro do Estudante, participando do julgamento do "Hamlet".

O JORNALISTA HÉLIO TYS

Saltamos um pouco. O autor de "O Grande Anatólio", antes da aventura teatral, embarafustou-se pelos labirintos da imprensa, colaborando no simpático "Tico-Tico". Contava, nessa época, sete primaveras. Das páginas da revista infantil passou-se para os suplementos dominicais, assinando substanciosas crônicas. Escreveu no "Vamos Ler", colaborou na "Carioca" e publicou tabalhos na "Cigarra". Ao lado de Fernando Ferreira de Loanda, Fred Pinheiro, Darcy Damasceno e Bernardo Gersen, integrou o grupo "Alfa-Omega", que dirigiu a revista "Orfeu".

Mas, o fraco de Hélio Tys era ganhar concursos literários, a ponto de seus genitores discordarem da sua intromissão no rádio, por

não ficar bem para um intelectual... Ainda, na imprensa, pelo seu espírito crítico, nosso focalizado mereceu honroso convite de Antônio Vieira de Melo, então assinando a coluna especializada de um matutino. E' que êste descobriu qualidades no criador de "Oitavo dia da criação", induzindo-o a assinar crônicas sôbre assuntos teatrais. Dêsse modo, meus amigos, nasceu o crítico Hélio Tys que, durante vários anos, ocupou a seção teatral de um vespertino.

O RÁDIO SURGIU POR ACASO...

No decorrer de 1939, em pleno desabrochar da sua juventude, Hélio Tys sentiu-se atraído por um concurso instituído pelo Suplemento Juvenil. Destinava-se a descobrir um elemento capaz de viver o Flash Gordon, numa novela escrita por Berliet Júnior e Pedro Anísio. Êle, que já tivera ligeiro contacto com o microfone, através da "Hora do Guri", como declamador, sentiu-se capaz de fazer boa figura. Não se enganara na previsão, uma vez que conseguiu ser o finalista, embora não fôsse aproveitado. Contudo, valeu a experiência e as amizades que fêz.

Sete anos depois dêsse "acontecimento", o atual produtor mayrinquiano volta a inscrever-se noutro concurso radiofônico. Desta vez, candidata-se à uma vaga de redator da Rádio Mauá, levado pela insistência da sua própria irmã. Aliás, não fôsse a obstinação da mana, talvez tivesse desistido, por não contar com o amparo do clássico "pistolão". Por êsse motivo, recebeu com indisfarçável surprêsa, a notícia de que fôra o primeiro colocado, segundo deliberação de Gilson Amado, Evaldo Ruy e Léia de Sá Carvalho, todos membros da comissão julgadora.

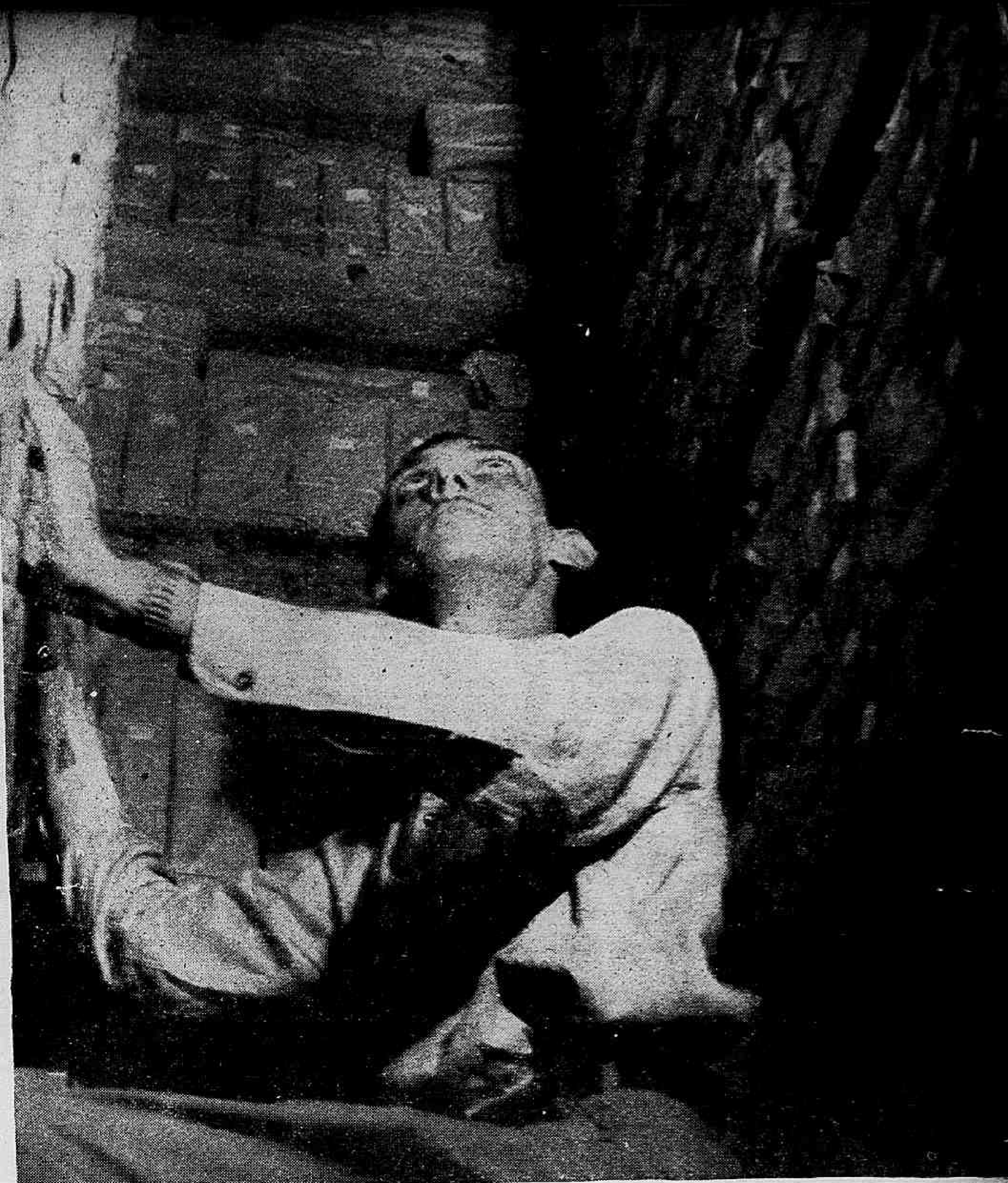
No dia 10 de junho de 1946, com o ordenado de mil cruzeiros mensais, Hélio Tys passava a escrever para o microfone. Dois meses depois, tinha atingido a cifra dos mil e quinhentos cruzeiros. Subindo sempre, quer em salário, quer no conceito dos rádio-ouvintes, Hélio viu aumentar sua responsabilidade. Começou a fazer tudo. Foi locutor, radiator, sonoplasta, contra-regra, operador, produtor, diretor de teatro-cego e, por incrível que pareça, varredor de estúdio, quando das "incertas" do ministro Morvan Figueiredo.

Através do seu "Rádio-Teatro Experimental", nosso focalizado revelou, entre outros, Jaime Barcelos, Batista Rodrigues e Cláudio Moisés, hoje na PRC-8; Paulo Célio, Márcia Gonçalves e Ronaldo Magalhães, brilhando na Tamoio; Selma Lopes, integrando o "cast" da PRA-9. Como produtor de programas, o autor de "O Grande Anatólio" escreveu 917, além de 65 peças. Tudo isso, entre 10 de junho de 1946 e 22 de outubro de 1947.

A saida de Gilson Amado do comando da PRH-8 trouxe, como conseqüência inevitável, o afastamento de Hélio Tys. Porém, nosso reportado encontrou-se com o poeta Antônio Olinto que, sem mais preâmbulos, o levou a Teófilo de Barros Filho. Êste, por sua vez, o encaminhou a Edmar Machado, nascendo daí seu contrato com a Rádio Mayrink Veiga. Na PRA-9, eis que encontra Rodolfo Mayer, o qual insiste para que êle escreva uma novela. Nasce, então, "O Pão Nosso de Cada Dia". Depois, vem "Paraíso Perdido". Mais tarde, produz "As Mãos do Destino", que lançou Jaime Moreira Filho nos espetáculos seriados. Por fim, criou "O Grande Anatólio", trabalho dos mais interessantes no gênero.

Espírito moço, em dia com os principais acontecimentos intelectuais, coube-lhe a tarefa de substituir Genolino Amado no preparo de "Blibliboteca do Ar". Tal fato representa a grande emoção radiofônica de Hélio Tys. Principalmente, quando sabemos que o próprio Genolino não poupou elogios para enaltecer o trabalho do jovem que tomou o encargo de redigir a "Biblioteca do Ar".

Alma simples e boa, fugindo à vulgaridade dessas que vivem a lardear talento, o produtor da Rádio Mayrink Veiga está a reclamar, por sua capacidade de trabalho, melhor aproveitamento na linha de programações da PRA-9. Não se limite a produção, a fim de atender aos reclamos do sangue. Hélio Tys é "radio-writer" dos melhores e, como tal, não pode ficar à mercê das oportunidades.



Novecentos e dezessete programas e sessenta e cinco peças, eis a estatística levantada entre 10-6-1946 è 22-10-1947. Hoje, essas producões dormem o sono dos arquivos.



A dor de cabeça do autor de «O Grande Anatólio», não são os programas. E' a máquina do seu «Cadillac» que, por sinal, não é «rabo de peixe».

A ÓPERA NA CINEMATOGRAFIA MUNDIAL

FATÔRES ESSENCIAIS E DECISIVOS NA ÓPERA ★ A MÍMICA AINDA TEM O SEU LUGAR ★ CARACTERÍSTICAS PRIMORDIAIS DO BEL-CANTO ★ A HISTÓRIA DE UMA ÉPOCA ★ IL TROVATORE

(Texto de LIONEL ARAUJO - Esp. para a CENA)

NO meio cinematográfico tem-se feito de tudo, mas na parte de óperas, do que se diz teatro clássico, nada ou quase nada o cinema nos tem mostrado. Como é do conhecimento geral, o cinema é teatro completamente depurado de uma arte, que lhe é altamente p.incipal, não entretanto essencial: a palavra.

O cinema, como o teatro, não se baseia sòmente na cena e literatura; possui gestos, atitudes, situações e cenários como elementos primordiais e decisivos. Desta forma, a palavra pode ligar-se à música, como no canto, que se amoldando nos dá uma arte com finalidades puras e características: a ópera.

Das óperas mais conhecidas por todos, possui-se um repertório das mais belas partituras musicais, conjugadas às vêzes em vozes melodiosas.

TIPOS DE ÓPERAS

Vários tipos são os que poderíamos aproveitar para belos filmes. Tôdas elas têm, ou melhor, possuem um tipo que as define, como por exemplo:

Barbeiro de Sevilha: — é uma flor de roseira, sacudida incessantemente pelas alegres e melodiosas ondas do Mazanares.

Traviata: — E' uma rosa de cem fôlhas, caídas duma sege no pó da estrada.

Valentina: — Um livro de orações, entre cujas fôlhas se vê uma carta de amor orvalhada de lágrimas.

Desdemora: — Um colar de pérolas.

O Trovador: — São os poetas vagabundos cantando suas aventuras românticas.

* Esta, porém, veremos já num filme, que terá como distribuidora, uma nova companhia no gênero: Cineart Filmes S. A.

Contudo, como será êste tipo de ópera?

CONTEMOS, POIS, A HISTÓRIA DO TROVADOR

Época: Espanha, século XV, quando os poetas vagabundos, eternos sonhadores e homens de armas, atraidos pelo espírito de aventuras e paixões, percorriam as terras ibéricas, cantando e peleando.

No castelo de Alaferia, situado na província de Saragozza, vive o Conde de Luna com os seus dois filhinhos, o mais velho de 5 anos, e com 2 anos o caçula, êste último doente porque, segundo as más linguas, foi atingido pelo *mau-olhado* de uma velha cigana, que o Conde mandou prender, julgar e depois queimou-a viva. Eis que a velha cigana é conduzida para o suplício sob as imprecações do crédulo populacho, e seguida de perto pela sua filha Azucena que, trazendo o seu filhinho nos braços, em vão procurou aproximar-se da mãe.

A cigana morre nas chamas, lançando à sua filha uma suprema invocação: "Vinga-me! Vinga-me! E Azucena lhe obedeceu. Raptou o filho mais moço do Conde e subindo a colina, onde tinha sido queimada a sua mãe, reavivou a fogueira e, transtornada como estava, atirou às chamas o seu próprio filho em vez do filho do Conde.

Passaram-se 20 anos e o velho Conde de Luna, sentindo-se morrer, obrigou o seu filho a prometer que continuaria a procurar o irmão, porque uma voz misteriosa lhe dizia que o filho estava vivo.

Azucena refugiara-se junto a uma tribo de ciganos e criara o filho do Conde tão amorosamente como se fôsse o seu próprio filho. Êste, que recebeu o nome de Manrico, cresceu forte, corajoso e com grande vocação para o canto e ávido de aventuras e glórias. Manrico alista-se nas fileiras do Conde de Urgel, pretendente ao trono da Espanha, e acirrado rival do Conde de Luna e consegue em pouco tempo conquistar a espada de cavaleiro e vencer, em um torneio, o Conde de Luna, conquistando ao mesmo tempo o coração de Eleonora, dama de honra da Rainha de Aragona, da qual ficou perdidamente enamorado, também o Conde de Luna. Daí o duplo ódio do Conde pelo jovem rival, do qual ignora a origem.

Num feroz duelo entre êles, assistido por Eleonora, Manrico desarma o Conde e quando vai feri-lo de morte, uma voz misteriosa o impede de fazê-lo e Manrico então foge.

Mais tarde, trouxeram a Eleonora a triste notícia de que Manrico havia perecido em um combate com o Conde de Luna e suas tropas, e tal foi o desespêro da jovem que ela tentou entrar para um convento. Louco de paixão o Conde de Luna corre com os seus soldados ao convento, decidido a impedir que Eleonora receba o voto de freira, mesmo que para tanto seja necessário raptá-la.

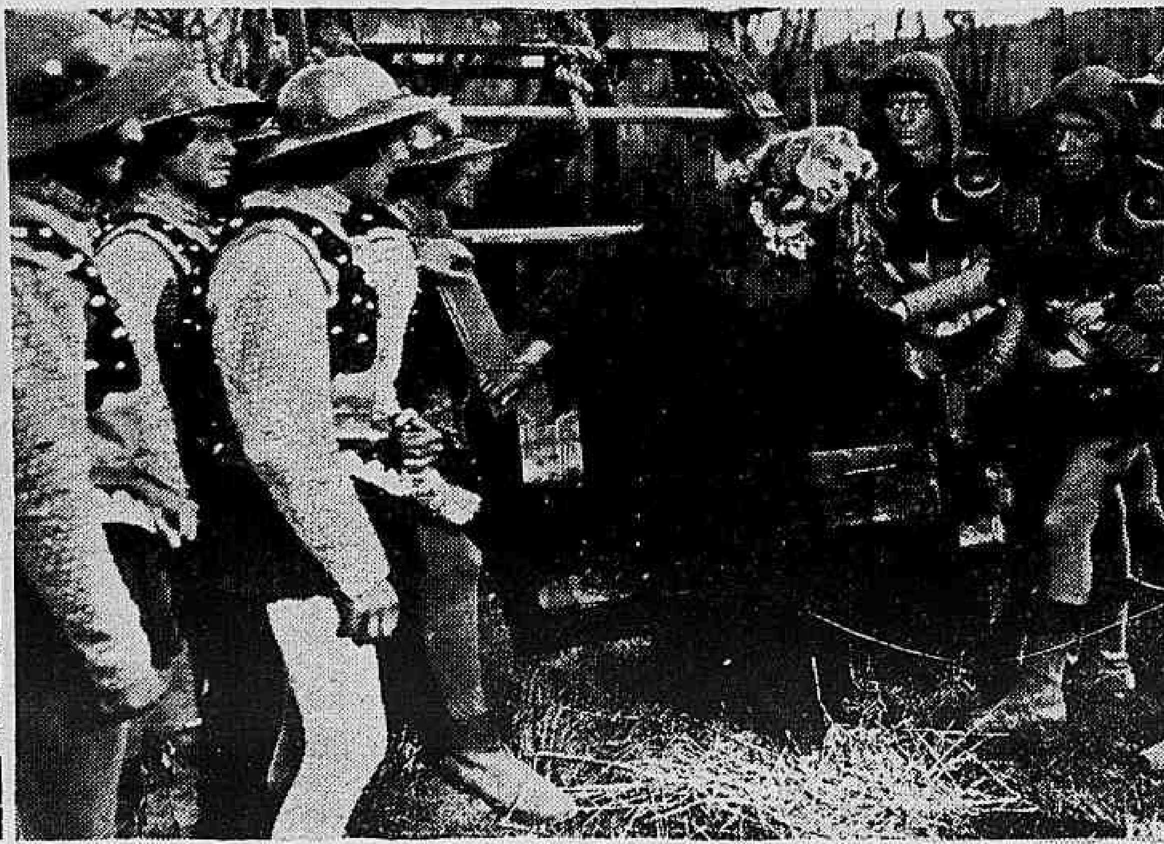
Manrico é encontrado ferido e levado para casa por sua mãe adotiva Azucena, onde soube que Eleonora entrara para o convento, convencida como estava de sua morte. Manrico resolve também, evitar que ela receba o voto, e para isso precipita-se com as suas tropas, ao convento e arranca dos braços do Conde de Luna a mulher amada e a conduz salva a Castellor, fortaleza das tropas de Urgel e aí se casam.

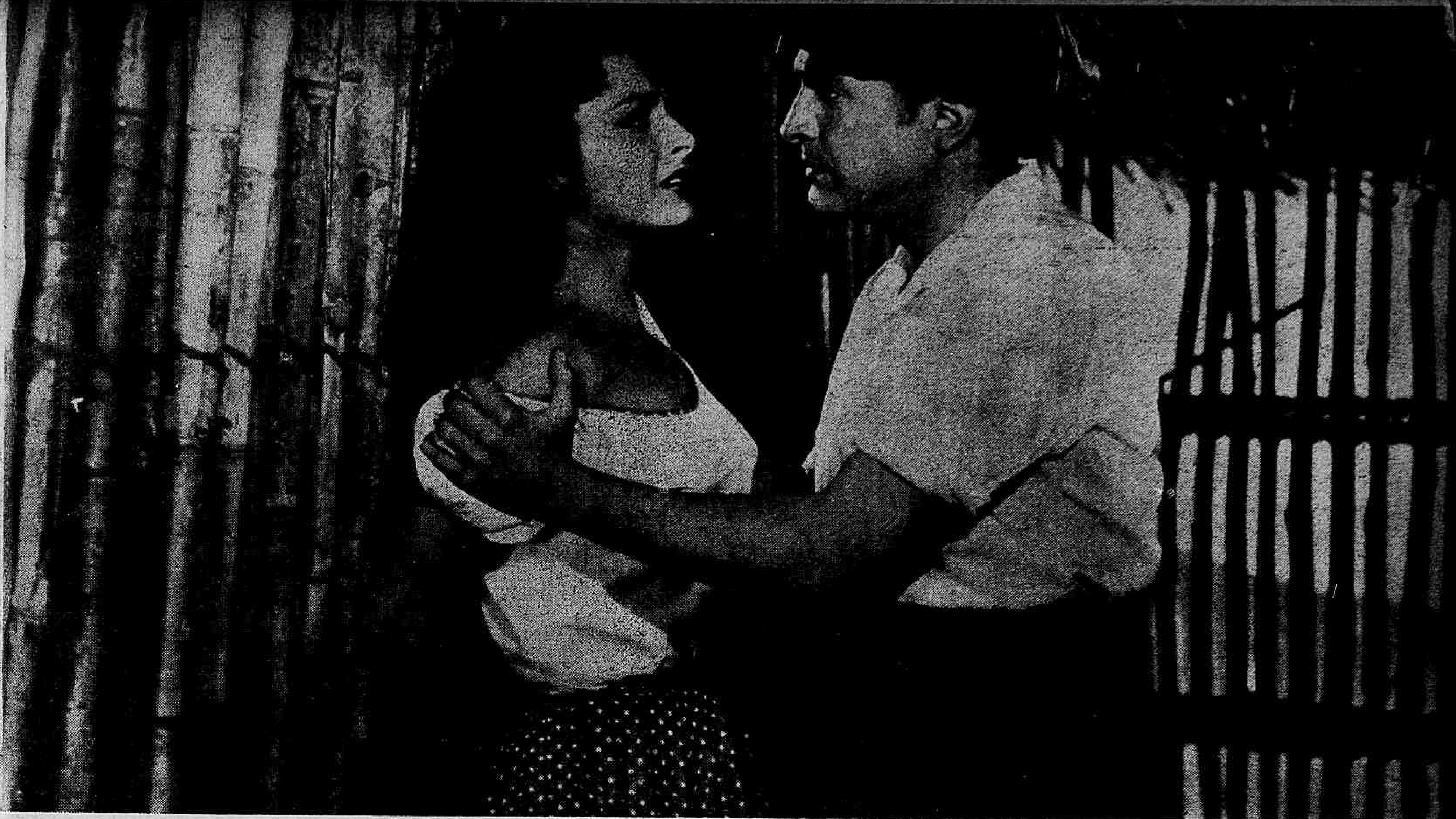
Mas, o Conde de Luna não se conforma. Cerca Castellor com as suas fôrças e consegue aprisionar Azucena, que é reconhecida pelo seu velho escudeiro como a raptora do seu irmão menor. Manda que ela seja queimada viva.

Manrico, no momento de casar-se recebe a triste notícia de que sua mãe tinha sido aprisionada e condenada à morte. Corre com os seus homens, procurando salvá-la, mas cai prisioneiro e Eleonora é conduzida a salvo para longe de Castellor.

Agora, juntos na mesma cela, Manrico e sua mãe adotiva Azucena, esperam que a vingança do Conde de Luna seja completada, mas Eleonora resolve salvar Manrico a qualquer preço e para isso corre a implorar ao Conde a vida do seu Trovador, e consente em ser sua em troca da liberdade de Manrico. O Conde aceita, mas não a terá viva. Eleonora se envenena e morre nos braços de Manrico, que pouco depois, foi conduzido ao patíbulo por ordem do Conde. Então, Azucena, que despertou de um sonho angustioso, diante da dupla tragédia, grita ao Conde de Luna como uma louca, a dura realidade: Êle é teu irmão! Mas, fê-lo tarde para salvá-lo. Atirando-se ao chão, Azucena soluça: Mãe, estás vingada!







Os homens a amavam, mal a conheciam; mas seu amor era fatal; arruinava todos os que a queriam. Azálea, então começou a odiar sua beleza

"ALGO FLUTUA SÔBRE A ÁGUA"

ABRE-SE a floresta virgem com o farfalhar das fôlhas verdes, das copas das árvores seculares, batidas pela brisa da madrugada. Do seio da selva inculta, nascem ruídos aterradores, entrecortados de pios tristes dos pássaros amedrontados pelo triturar das fôlhas sêcas sob os pés daqueles viajantes assustados, que atravessam a imensidão verde. A lua coa um pouco de luz por entre as fôlhas, dando o destino a Carmina, Manuel e Toño, que vêm da cidade para aquela aldeia de pescadores que se assenta à margem do caudaloso rio, no fim da mata.

Manuel, jovem cheio de vida, simpático e atleta, vem em companhia de sua espôsa, Carmina, uma linda jovem e de seu filho Toño, um esperto garôto de cinco anos, à procura dos bens e da casa que seu pai, antigo pescador, deixara à margem do caudaloso rio. Mas ao chegarem, verificaram que da residência onde nascera Manuel, só exis tia ruínas e troncos em carvão. Porque os inimigos de seu pai queimaram a casa e destruíram todos os seus bens, como desafôgo ao velho que fôra capataz do único comprador de peixe da região (o Patrão), e que sempre defendera os interêsses do chefe, em detrimento dos pescadores.

Diante daquela cena desconfortante, Manuel e Carmina prometem reconstruir o lar, para viverem felizes, junto ao filho amado. Êles viverão da renda que o rio lhe der, como todos ali vivem, pois Manuel abraçará a profissão do pai, será pescador, afrontará as tempestades, os redemoínhos, tôdas as alegrias e tristezas e jura que dará ao filho uma educação justa, e que mostrará aos inimigos de seu pai, e que hoje são seu inimigos, que é um homem de bem, trabalhador, honesto e distinto.

Numa tarde em que o rio estava agitado, ouve-se exacerbadas vozes gritarem: «Algo flota sobre el agua!», era o alarma dos pescadores que avisavam algum perigo. Centenas de embarcações rumaram velozes ao local, mas Manuel chega antes que todos e impede que uma linda mulher seja tragada pela voragem do redomoínho. Retira-a hirta e fria da água e fitando-a, sente uma alteração, devido a beleza que possuía aquela mulher que mais parecia uma deusa das águas do que um ser vivente. Manuel a leva para sua casa e consegue torná-la à vida, porém não consegue curar-lhe a alma que está ofendida. Ela é estranha, parece muda, não diz quem é, nem de onde vem. Não deseja viver. Balbucia apenas um nome: «Azálea».

Manuel, que sempre amara, mais do que a própria vida, a espôsa,

(Cont. na pág. 30)



Não resistindo as declarações de amor que êle fêz, ela, numa noite de tempestade, entrega-se a êle.

Título original:

ALGO FLOTA SOBRE EL AGUA

Baseado na novela de Lajos Zilahy

ELENCO

ARTURO DE CORDOVA	**Manuel**
ELSA AGUIRRE	**Azálea**
AMPARITO MORILLO	**Carmina**
RUBEM ROJO	**Lalo**
JOAQUIM ROCHE JR.	**Toño**

Músicas de: ZACARIAS URQUIZA — «Flor de Azálea; NEFTALI BELTRAN — «Coplas de Vera Cruz»

Produção de RODOLFO LOWENTHAL
Direção de ALFREDO B. CREVENA
Distribuição: PEL-MEX



Como alucinado, êle declarou sua louca paixão e jurou que haveria de possuí-la e impedir seu casamento com outro.

VERA RALSTON VAI FAZER COMPRAS

Até mesmo uma linda garôta é obrigada a comer e, como a falta de empregadas é um fato consumado também em Hollywood, Vera Ralston, a encantadora estrêla de "Sedução Trágica", da Republic, vai ao armazem vizinho fazer compras como milhares de outras mulheres no mundo inteiro fazem, anotando tudo o que vai comprar num pedaço de papel, verificando duas vêzes para ver se não falta mais alguma coisa e depois, rumo às compras...



Nesta foto Vera Ralston faz a lista de tudo o que ela vai necessitar para a semana inteira.



Já no armazem, ela começa encher a sua cesta.



Deixa ver! Será que ainda falta alguma coisa?



Ah, ainda não comprei a carne...



Com as mãos cheias de pacotes, as compras já estãos completas. Mas falta ainda o jornal...



Agora, rumo à casa.



Vou experimentar fazer algumas das mercadorias que comprei. Estou esfomeada...



Como está gostoso!...



Vera pertence a êsse tipo fora do comum de pessoas que se divertem até mesmo lavando pratos. Cada qual com a sua mania...

Coluna do fan

"LA CAGE AUX ROSSIGNOLS"

TRADUZIDO para nossa língua o original francês, seria o título de "A Gaiola dos Rouxinóis" que receberia aquêle filme tão bonito exibido no Pathé por *dois dias apenas*, aquêle inoportunamente chamado "Juventude Delinqüente". Não traduziria mais poesia, mais beleza, mais encanto e não estaria mais de acôrdo com o tema explorado na película o nome que ela recebeu em francês? Por que, então, aquêle grotesco "Juventude Delinqüente"?

"La Cage aux Rossignols" conta, narrada de modo singelo, a história de um asilo de órfãos, *órfãos e não delinqüentes*, no qual imperava um regime de terror, de castigos, de prisões em calabouços infestados de ratos, por faltas pouco graves, cujo maior culpado era o próprio diretor. As crianças, ali jogadas pelas mãos de um destino que não lhes permitiu conhecer seus pais, são recebidas e tratadas como feras por um homem, naturalmente cheio de complexos e taras, que não compreende seus dramas íntimos, que não conhece psicologia infantil, que julga como se fôssem selvagens, aquêles que possuíam um coração e necessitavam de um carinho, de uma palavra amiga, de ser compreendidos pelos adultos que os rodeavam. A chegada do novo inspetor foi, para aquêles pequeninos sêres, motivo de brincadeiras de mau-gôsto, sendo, para o próprio inspetor, uma tarefa bastante arriscada. Entretanto, sabendo êle penetrar na alma infantil, transformou aquelas pequeninas feras em crianças normais e educadas, criando, com seus conhecimentos de música, um bonito côro de vozes infantis, de verdadeiros rouxinóis ali engaiolados pelo crime de não terem pais.

Dois dias apenas!... Por que "La Cage aux Rossignols" não completou sua semana no Pathé? Por que foi substituída, tão bruscamente, por um filme cuja "reprise" não estava anunciada? Falta de público? Desejo da direção do cinema em aproveitar o feriado de 2 de novembro para exibir uma película "Expressamente proibida para menores de 18 anos"? Imposição da censura?...

Dois dias apenas!... Felizmente, assisti a êsse belo espetáculo quando de sua estréia e confesso que o cinema, apesar de ser segunda-feira, tinha um público bastante numeroso que o manteria em cartaz durante tôda a semana. Ademais, "Escravas do Amor", que quando exibida da primeira vez, há pouco tempo, ficara muitas semanas na tela do Pathé, teria agora mais assistentes do que "Juventude Delinqüente", caso êste completasse seus sete dias?

Não se explica a retirada brusca de um filme que é um verdadeiro poema, para em seu lugar serem exibidas cenas dos mais baixos ambientes parisienses; não se explica a substituição daquele melodioso côro infantil, daquela linda voz de menino solista, pelas palavras, gestos e atitudes das "Escravas do Amor"; não se justifica a retirada de um drama social, para substituí-lo por um outro drama que também domina a Sociedade de nossos dias, que também representa um problema difícil, mas que teve cinco semanas para ser apreciado e discutido por cinegrafistas, filósofos, psicólogos e pelo público leigo.

Se não se justifica, por que, então, "Juventude Delinqüente" foi exibido apenas durante dois dias? Seria imposição da consciência de certos responsáveis por serviços de assistência a menores entre nós? Sim! Deve ser isto! A imprensa, inúmeras vêzes, tem revelado casos tristes de meninos desajustados sociais, cujo aprendizado se deu em alguma de nossas casas de menores abandonados. Talvez por isso, e porque a película revele um tratamento humano, em substituição ao antigo regime de terror impôsto àqueles pequenos órfãos, a direção do cinema Pathé se viu obrigada a retirá-la de sua tela, lançando, à última hora, uma "reprise" sem grande importância cinematográfica.

Se, entretanto, êsse não foi o motivo pelo qual "La Cage aux Rossignols" teve sòmente dois dias para ser apreciada pelo público carioca, resta-me apenas lamentar que um cinema como o Pathé, que tantos filmes de valor tem apresentado, demonstrando seleção rigorosa na escolha do que deverá exibir, haja falhado agora, quando teve oportunidade de apresentar um espetáculo bonito, comovente e de sentido profundamente humano.

Norma Silva Hauer (Rio)

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

Ruth Roman perdeu a garagem mas em compensação ganhou uma piscina. A estrêla da Warner Bros., a quem veremos muito brevemente em «Three Secrets», aproveitou o único espaço que tinha em sua residência, e, que era justamente um pequeno espaço em frente a garagem e o caminho por onde o carro passava, para transformá-lo numa piscina. Ruth Roman, fêz-nos esta pergunta: «Quem é que precisa de garagem? Eu prefiro ter uma piscina».

★

Virgínia Mayo perdeu o casal de índios pele vermelha, que ela trouxe de Gallup, Novo México, para serví-la em sua residência em Van Nuys. Os navajos disseram a Virgínia que gostam muito mais do seu território do que do belo rancho da estrêla em San Fernando Valley; de forma que Virgínia Mayo e seu marido Michael O'Shea já providenciaram a volta dos índios à Gallup. Virgínia e O'Shea conheceram o casal por ocasião da filmagem de «Colorado Territory». Brevemente a veremos em «The West Point Story», no meio dos cadetes do Exército Americano, que pretendem mudar para perto da estrêla. Quem não gostaria?...

★

Jane Wyman que possui uma cópia autografada, da peça de Tennesse Williams, «Glass Menagerie», nos Sstúdios da Warner Bros., diz que o autor tem um modo muito «seu» de assinar seu nome. Simplesmente 10.WMS...

★

A película que está sendo rodada em Viena, «The Magic Face», é baseada na história da vida da senhora de Hitler, de acôrdo com as informações internas.

★

Devido a guerra na Coréia, as piadas sôbre o Exército estão em voga novamente. Suzanne Dalbert, que trabalha em «Breakthrough» da Warner Bros., conta-nos a seguinte: «Um convocado apresentou-se ao seu superior e solicitou a sua transferência para o 10º regimento a fim de poder ficar perto do seu irmão que se encontrava incorporado às fôrças do 9º regimento».

★

Mrs. Marge Eddington surpreendeu Errol Flynn no dia do seu aniversário, com um cocktail, para o qual foram convidados todos os seus companheiros de trabalho na película «Rocky Mountain» filmada em Gallup, Novo México. Quando, em seu apartamento, no hotel, Flynn removia a maquilage, alguém bateu a sua porta; era o primeiro visitante que chegava e lhe desejava Feliz Aniversário. Pouco depois o apartamento estava apinhado e, entrava a organizadora da festa com um belíssimo bôlo na forma de um pescador... Isso para pilheriar com Errol Flynn, que não fala em outra coisa, a não ser: «Eu von Pescar»...

★

Patrícia Neal e Lauren Bacall sentiram-se pouco a vontade durante as filmagens de mais um interessante filme da Warner Bros., intitulado: «Cinzas ao Vento», no qual Gary Cooper é o principal, visto aparecer o nosso já muito conhecido galã com 18 (dezoito) ternos diferentes e, «elas» que deviam, pelo menos na sua opinião, ditar a moda, tiveram muita pouca oportunidade para isso.



CLAUDE RAINS
(RKO)

ARTISTAS BRASILEIROS...

(Cont. da pág. 15)

Paulo hesitou um pouco e juntando cuidadosamente as palavras como partes integrantes de um quebra-cabeças, respondeu:

— "A melhor possível. Tive a impressão de que é uma cidade onde os componentes da indústria cinematográfica vivem as suas vidas exclusivamente para o trabalho. Observa-se a teoria do "mind your business" e na rua, — incrível como possa parecer — não se vê uma pessoa que passa dirigir os olhos para outra. E' isto natural numa cidade onde existe uma incomensurável quantidade de jornalistas, todos empenhados em descobrir as maiores nódoas da sociedade da meca do cinema e, invariàvelmente, todos os acontecimentos são vistos pelo público através das lentes de aumento da publicidade."

MOTIVO DE VIAGEM — Enquanto Paulo atendia a um chamado telefônico, recapitulei as suas declarações e preparei a próxima pergunta.

— Qual o motivo de sua viagem aos Estados Unidos, além do estudo de novos métodos de gravação?

— "A divulgação da música brasileira. Levei comigo alguns discos, dos quais a maioria foi tocada no "International Disc Jockey" da CBS, agradando imensamente. Logo que cheguei a Hollywood entrei em contacto com a General Artists Corporation, a fim de tratar dos detalhes de uma negociação para um intercâmbio entre artistas brasileiros e norte-americanos."

Como eu lhe pedisse detalhes mais preciosos, explicou que num "cocktail party" em Hollywood, no qual estavam presentes marcantes personalidades do mundo cinematográfico e musical, Paulo tocou os seus discos e o interêsse foi geral. Uns perguntavam como se dançava, outros se espantavam diante do ritmo, pois confundiam a música brasileira com a latino-americana. Nesta festa um "band-leader" se aproximou de Paulo, após ouvir u'a música orquestrada por Lirio Panicalli, não se conteve e exclamou:

— "Preciso ir ao Brasil e gravar um disco com músicos brasileiros! Que orquestra! And what an arranger!"

Resultado, enviou uma fotografia autografada ao maestro da Nacional, prometendo vir ao Brasil conhecê-lo!

O DILEMA DICK FARNEY — Também, segundo declarou o sr. Paulo Serrano, gostaram muitíssimo das gravações de Dick Farney, não sòmente em português como também em inglês.

Deveras, isto me espantou um pouco, pois, quando o cantor pertencente a Nacional e astro de "Somos Dois" estêve nos Estados Unidos, passou em brancas nuvens, sendo quase que ignorado pelos circulos musicais e cinematográficos norte-americanos, segundo dizem alguns. Fêz um teste cinematográfico que não foi aprovado por excesso de gordura e o convite que recebeu de Harry James ficou sem efeito em virtude do maestro ter dissolvido a sua banda.

Dick foi contratado por uma estação de rádio para atuar uma vez por semana, no programa de Milton Berle, onde cantava sòmente um número. O comediante chegava ao microfone e anunciava: "Now you're going to hear Dick Farney singing...". Como se vê, êle não tinha um programa próprio no rádio, como me informou um cantor brasileiro que se encontrava em New York naquela mesma época.

Foi contratado pela fábrica de discos Majestic, que abriu falência pouco depois do cantor ter passado a gravar para aquela etiquêta, sòmente em inglês, note-se bem. Apenas quando viu as coisas pretas tentou cantar em português, pondo "Copacabana" em acetato, em duas versões, uma inglêsa e outra em português.

Agora, o sr. Paulo Serrano declarou-me que pretende incluir Dick entre os elementos que enviará aos Estados Unidos neste intercâmbio, dando-lhe mais uma oportunidade e explicando a questão por outro ponto-de-vista:

— "Dick tem uma boa voz, que se adapta perfeitamente à música americana. Se não conseguiu êxito nos Estados Unidos foi em virtude da Majestic ter aberto falência. Outros artistas que começaram com êle estão aí gozando de imensa popularidade, como Doris Day ou Gordon MacRae."

AINDA SÔBRE O INTERCÂMBIO — Paulo explicou que os artistas brasileiros atuarão na televisão e em "night clubs" sob contrato. Quando lhe perguntamos quanto irá ganhando cada elemento, declarou que tudo dependerá da época e do lugar. No entanto, o mais importante é que a música brasileira será divulgada por artistas brasileiros, que terão uma oportunidade da qual devem tirar o maior proveito possível.

As negociações ainda não foram concluídas, mas dentro de pouco tempo terá uma resposta definitiva para dar à imprensa.

DISCOS "LONG PLAYING" BRASILEIROS — Os discos "long playing" norte-americanos estão começando a aparecer em nosso mercado e os aficionados já se apressaram em adquirir vitrolas com três velocidades ou mesmo fazer uma adaptação na fiel máquina falante a fim de poderem deliciar-se com oito músicas num só disco. Supondo que a sua viagem tenha alguma relação com isso, perguntamos se a Sinter pretende pôr no mercado discos "long playing" de 33 1/3 RPM, de fabricação brasileira, ao que o sr. Paulo Serrano respondeu:

— "Sim, pretendemos. Não posso dizer a data exata, mas pode ficar certo que será mais breve do que muita gente espera. Apenas não posso dizer a data exata."

PONTO FINAL NO CONTRABANDO — Se, realmente, êste projeto se tornar realidade, o contrabando de discos americanos "long playing" tem os seus dias contados. Pois, se a Capitol tomar essa iniciativa é quase certo que outras companhias farão o mesmo. Os contrabandistas — geralmente elementos componentes de companhias brasileiras de aviação que vão aos Estados Unidos — não mais terão oportunidade para enganar o público através das lojas de discos. Ora, o contrabandista compra os discos numa cidade situada no extremo sul da Norte-America, por um preço entre Cr$ 70,00 e Cr$ 80,00 cada um, em virtude de um desconto que quase todos os traficantes dêsse artigo têm em lojas americanas. Desconto êsse que varia entre 10 e 20%, dependendo da marca do disco. Trazem o disco para o Rio depois de deixar de "môlho" durante alguns dias no interior a fim de evitar os funcionários alfandegários, que sòmente revistam os aviões internacionais, trazendo-o depois num aviãozinho discreto que vem de Belém ou Recife pelo interior. Dá uma ligeira "gorgeta" ao colega que o trouxe ao Rio e sai do aeroporto num táxi, à vista de todos, mas protegidos pela ignorância geral. Entrega depois os discos a uma casa especializada por Cr$ 100,00 ou Cr$ 120,00 (os de 10". Os de 12" custam mais caro, assim como também os clássicos), tudo dependendo do preço por que o concorrente está revendo. O dono da loja, depois de trapacear o fisco, engana o público, revendendo os "long playing" por Cr$ 200,00 cada, com um lucro liquido de quase 100%.

No entanto, parece que chegou o ponto final da exploração do mercado de discos. Paulo Serrano voltou dos Estados Unidos disposto a dar início à luta contra os vendilhões do templo. Todos êles, porém, serão desbaratados no dia em que as outras fábricas também se decidirem a importar os "long playing" diretamente para o Brasil, e os puserem no mercado. Então, você e eu, leitor, deixaremos de ser explorados!



ÁGUA INGLÊSA



ANTOLOGIA

(Cont. da pág. 9)

Meia-Noite" reflete, com uma precisão indispensável o meio e a psicologia do personagem francês, o que faz o filme inteiramente diferente do policial americano, que procura fazer desfilar sempre diante do espectador o maior contingente de incidentes destinados a esmagá-lo. Por êste motivo quase tôdas as fitas vindas de Hollywood integram a linha sensacional que, sem ser a tendência mais digna do gênero policial é a que logra melhores resultados, tanto do ponto-de-vista da forma cinematográfica como do ponto-de-vista da aceitação pela platéia.

O diretor Henri Decoin (Non coupalle — "Trágica Inocência"), adaptou e realizou com segurança apreciável a história de um duplo assassinato em que os imprevisto, o número de pistas falhas e a circunstância de se utilizar como detective um sósia do morto, fazem o interêsse pela trama ser mantido no espectador, prendendo-o sempre ao espetáculo. Os vários episódios e a construção sempre adequada e funcional das cenas imprimem à fita um ritmo agradável e uma boa unidade. Apenas a falta de maior expressão e de bom-gôsto dos "décors" prejudicam a atmosfera que o fotógrafo Nicolas Hayer procurou fixar nos contrastes acentuados que imprimiu à cinegrafia e que favorecem muito o domínio do clima em que a ação tem curso. A interpretação apoia-se fortemente em Jouvet, outra vez compondo bem e interpretando irrepreensìvelmente o policial humano e marcado pelo hábito de lidar com as mais estranhas personalidades do crime.

(*"Diário Carioca"*, 15 *de dezembro de* 1950).

TRÊS MARIDOS

(Cont. da pág. 24)

— Matilda, indiscreções não nos levará a lugar algum.

— Onde estamos nós agora ... Esse eu tivesse vergonha de amá-lo!

No luar, o seu rostinho soerguido, estava revestido de uma expressão trágica.

— E isto... isto já me enerva a paciência! Esta festa... estou certa de que esta festa foi dada apenas com o fito de humilhar-me.

— Max faz anos todo ano... sempre oferece uma festa.

— Os homens sabem ser tão cruéis! — Matilda se tinha encostado a êle. — E cegos! Sou apenas carne e osso. Há um limite para o meu auto-contrôle... Não posso continuar mais. Querido, não me importo se *nunca* visitemos Paris. Não terei de viver no Left Bank. Poderia morar num subúrbio americano com você. Diga-lhe!

Arthur estava indeciso. Estava com mêdo de quebrar as convenções. Mas, como poderia êle dizer-lhe isso? Para que ela o tomasse por um covarde? Nenhum homem quer parecer covarde perante u'a mulher e êle não era nenhuma exceção.

— Não se pode fazer uma coisa dessas de um minuto para outro.

— Cinco meses não são de um minuto para outro.

O que significava aquêle tom na voz de Matilda?

— Já estamos casados há oito anos. Antes de magoá-la...

— Certamente, ela nunca o magoou — então Matilda começou a falar das sinfonias das quartas-feiras. Tôda a gente está falando. Fumaça onde havia fogo. No entanto, era ridículo de mais. Não Jane.

No final, além de estar desejando que Max nunca tivesse nascido, para que esta festa não fôsse necessária, Arthur ainda fingiu que lagosta lhe tinha feito mal. Sabia que tinha de levar Jane de volta para casa e o mais breve possível, assim evitando que Matilda lhe contasse tudo. Max ajudara Jane a dirigir o carro, mas sorriu de u'a maneira quieta para Arthur, como querendo mostrar que tinha certeza que êle não tocara na lagosta.

Será que aquêle sorriso significava alguma coisa a mais? Enquanto olhava a fotografia de Max, prêsa das suas próprias suspeitas, Jane entrou. Tirou o seu chapéu e sorriu docemente.

— Boa noite, querido.

Decididamente, Arthur caminhou em sua direção, como se estivesse disposto a matá-la. *"Jezebel!"* — foi tudo o que murmurou.

Um momento depois deixou a casa, dominado pelas próprias dúvidas. Sua casa. Seu lar, que já lhe parecera sagrado. Duetos... matinées sinfônicas, em verdade... Matilda estava certa. Ela vira a verdade que para êle sempre fôra velada. Havia sido um grande tôlo.

Quando Kenneth Whittaker deixou o escritório àquela tarde, depois de acompanhar o entêrro de Max, dirigiu-se ao bar mais próximo. A carta que o advogado de Max lhe tinha dado estava em seu bôlso, tôda amassada. Entre tragos de "whisky" Ken leu-a novamente.

"Sua espôsa e eu..." — e a carta de Max continuava. *Mary e Max!*

Finalmente, êle deu a carta ao dono do bar, que a leu.

— Suponhamos que alguém dissesse isso de sua espôsa.

— Impossível — respondeu estùpidamente o homenzinho. — Minha mulher? Ela não tem tempo. Se eu fôsse o senhor, nem sei o que faria. "Um sujeitão como o senhor..."

— Não posso — retrucou alcoòlicamente Ken. — Êle está morto. *Mas, Max nunca estivera tão vivo com exatamente neste minuto. Alegre, rico e encantador primo Max!*

— Não sei em que acreditar — murmurou Ken. — Não sei.

— Você sabe em que acredita — Max parecia responder-lhe. Do recanto de sua memória velhas cenas foram rememoradas. — Você acredita...' — e Ken sentiu-se transportado ao passado. Em sua imaginação, deitado na mesa do bar, lembrava-se da noite de seu segundo aniversário. Aquela noite voltara para casa pensando em celebrar o acontecimento. Casa? Não, no pequeno quarto que êle e Mary haviam preparado no andar térreo da modesta casa de sua mãe.

O telefone estava tocando e êle não deixava Mary, que acabara de sair do banho, atender. Mary era uma enfermeira registrada, mas hoje não atenderia chamados.

Êle lhe tinha trazido uma orquídea numa caixa de celofane e um pequenino vidro de perfume. Ora, os grandes perfumes estão sempre encerrados em pequenos vidros... Êles haviam combinado não gastar dinheiro em presentes, mas quantos segundos aniversários de casamento em sua vida? Além do mais, êles celebrariam sozinhos, pois sua mãe não estava em casa. Ken beijou-a tanto que Mary gritou:

— Hei! Você está matando-me!

— Você adora isso — os seus olhos estavam brilhando, fixados no seu rosto.

— Você não conhece a sua fôrça. Que músculos! Max nem de longe é tão forte. Mas, você tem as mesmas narinas... muito distintas.

— Banca-se o amoroso com a espôsa e ela começa a gabar as narinas de outro homem! — gracejou Ken.

— Bôbo, isso é caracteristico da família. As narinas, quero dizer. Quando se está cuidando de um paciente, não se pode deixar de observar a forma de seu nariz. — e Mary havia cuidado de Max durante os seus ataques de coração. — Não me vá dizer que está com ciúmes! Êle é bastante velho... já passou dos quarenta. O que tem Max que você não tem?

— Um milhão de dólares, mais ou menos — Ken respondeu sinceramente. — Acaso devo gostar que outro homem lhe compre jóias e quadros a óleo?

— Os pacientes agradecidos sempre dão presentes — respondeu Mary já ligeiramente enervada.

Por fim, decidiram não sair, mas permanecer em casa... silenciosamente para que a sua mãe pensasse que êles tinham saído. Novamente o telefone tocou.

— Quarta vez! Êles devem estar precisando muito de mim! — Mary já estava ligeiramente preocupada.

— Não há outras enfermeiras nesta cidade?

Mary atendeu e após uma acalorada discussão, saiu. Pouco depois, a sua mãe chegou e lhe perguntou se Max havia telefonado mais alguma vez.

— Nem ao menos sabia que êle nos telefonava.

— Pouco antes de você chegar êle telefonou. Como ela não respondeu êle me telefonou. Max parecia bastante ansioso para falar com ela... e Max sempre consegue tudo o que deseja.

— Sei que ela não está com Max... sei que não está — Ken sabia da verdade. No entanto, procurava enganar-se a si mesmo.

Quando não mais se pôde conter atravessou a cidade e foi em direção à casa de Max, no outro lado.

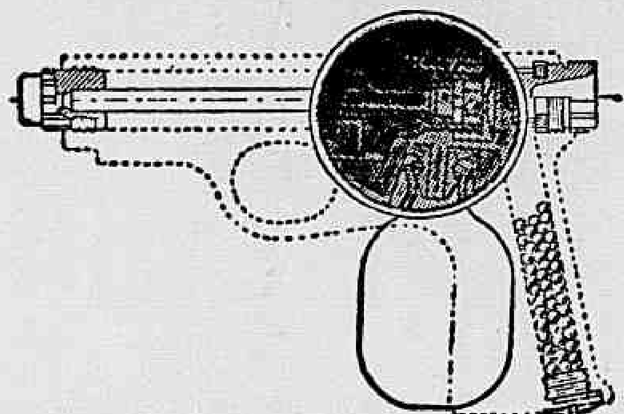
A casa do primo Max estava totalmente iluminada. Enquanto procurava um lugar de onde pudesse olhar para dentro de casa

(*Cont. na pág.* 28)

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A Pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

★

FABRICADA POR
ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.
RUA URUGUAIANA, 104
Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, uma desentupidor, uma alça de mira 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250.00 pelo REEMBOLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00

RÁDIO - INQUÉRITO



CELESTINO SILVEIRA

13 anos de atividades radiofônicas. Criou e orientou programas instrutivos e de diversão. Atuou na Rádio Phillips (extinta), Mayrink Veiga e Globo, onde permanece até hoje. Programas realizados: "Antigamente era Assim", "As grandes vozes do rádio", "Cine-Rádio-Teatro". Realizou várias reportagens radiofônicas, inclusive uma das profundidades da Mina de Ouro Velho. Irradiou programas diretamente da N.B.C. para o Brasil. Estêve nos Estados Unidos. Fêz 4 viagens a Portugal. Uma viagem à Itália. Uma à França. Uma à Espanha. Três à Argentina. Em todos êsses lugares estudou e observou bem o desenvolvimento do Rádio pelo mundo, fazendo confrontos com o Brasileiro. Assina diàriamente uma coluna radiofônica no "O Globo" e é redator-chefe da "Revista da Semana". Programa que redige atualmente: "Cine-Rádio-Jornal", que vem fazendo há 18 anos.

Responde - CELESTINO SILVEIRA

P. *Qual deve ser a função do Rádio?*

R. Divertir — informar — e (por que não?) instruir.

P. *Julga que nosso Rádio exerce essa função? Por quê?*

R. Às vêzes exerce. Porque tem gente boa para dar conta de tôdas essas obrigações. Mas, outras vêzes...

P. *Qual a melhor estação carioca? Por quê?*

R. Não há melhor. As que se julgam melhores apresentam coisas incríveis a par com o que de mais recomendável se oferece no "broadcasting" brasileiro. Há muito esfôrço e recursos maiores ou menores de cada emissora. Bom e mau aproveitamento dêsses recursos também.

P. *Acha que o nível artístico de nosso Rádio atingiu o máximo?*

R. Não. Que esperança. Pode ir muito acima.

P. *Quais os melhores programas?*

R. Essa pergunta é indiscreta. Representa nada menos que a aquisição de dois ou três novos inimigos. Os que tenho são suficientes. E aquêles cujos trabalhos se poderiam elogiar, prescindem dêsse meu elogio. Estão feitos.

P. *Que acha das novelas?*

R. Acho que entraram para a rotina do rádio. Há as boas, as boazinhas e as menos boas. Todos são ouvidas.

P. *E dos programas de auditório?*

R. São muitas vêzes divertidos. Existem em quase todos os paises. Não vejo por que condená-los formalmente.

P. *Quais os melhores programas humorísticos?*

R. Sempre os "melhores"! O caso é que no rádio tudo se modifica da noite para o dia. Veja o que aconteceu com a PRK-30: estava cansando. A Nacional deu-lhe férias, pôs em seu lugar "Edifício Balança Mas não Cai" e ficou sendo o melhor para muita gente. Mas, a PRK-30 pode vir a ser outra vez o melhor, agora na Tupi. Tudo muito relativo.

P. *E musicais?*

R. Há vários: "Ondas Musicais", "Festivais GE" — e tantos outros. Se houvesse patrocinadores, o número seria muito maior.

P. *Quais os melhores produtores?*

R. Veja, por favor, a resposta n. 5.

P. *A que se deve o êxito de um programa?*

R. A um trabalho de "equipe", que vai desde a redação do programa, aos intérpretes de microfone, depois de ter passado por todos os elementos que não têm o nome mencionado: contra-regras, operadores, sonoplastas, etc.

P. *Qual o gênero de programa que mais agrada ao ouvinte?*

R. Todos agradam quando bem feitos. Em outras palavras: cada gênero tem seus ouvintes prediletos.

P. *Acredita no I.B.O.P.? Por quê?*

R. Não. Porque já fiz, pùblicamente, uma demonstração nesse sentido e não foi destruída.

P. *Há possibilidades de se transmitirem programas montados em todos os horários?*

R. Em todos? Não creio.

P. *Qual o melhor horário do Rádio?*

R. Não há melhor horário: há programas que se escutam ou se deixam de ouvir. Alguns, como a "Hora da Ginástica", interessam às seis da manhã. Outros não logram reunir ouvintes às 9 da noite.

P. *Os programas de gravações tendem a desaparecer?*

R. Definitivamente, não. Haverá sempre um horário disponível para êles. E o público prefere um bom programa de gravações selecionadas a outros, às vêzes, muito trabalhosos, mas desinteressantes

P. *O que mais aprecia no Rádio?*

R. Com tôda sinceridade: fazer meu programa.

P. *Sofrerá o Rádio modificações radicais com o advento da Televisão?*

R. Rádio chega a tôda a parte; Televisão (por enquanto) vai de horizonte a horizonte. Mesmo com as estações intermediárias, por enquanto não parece venham a registrar-se modificações radicais.

P. *Que gostaria de fazer no Rádio?*

R. Quanta coisa! Quanta... Uma, entre muitas: grandes reportagens de qualquer ponto do mundo.

P. *Por que não o faz?*

R. Não depende de mim. Se algum dia me facilitarem os elementos necessários, tudo será feito.

Melodias para você

A Pedidos

WHAT'S MY NAME

(F o x)

De Saxon — Welles

Grav. Billy Eckstine

What's my name
Because I love you some people call me full
What's my name
If I should leave you people would call me wise
Lover,
You call me lover
I would soon to discover
It was just a name
Use than again
What a shame
Somehow I feel that you really care for me
What's my name
What ist it to be
Am I full, am I wise, am I lover
Look in my eyes and tell me
What's my name

N.R.:—Semanalmente publicaremos neste quadro a letra mais solicitada pelos leitores. Se você deseja vêr aqui a sua melodia preferida, escreva para «Melodias para Você», Redação de A CENA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Música norte-americana

MISSISSIPPI

Curle Williams - Billy Simmons

By the M, i, crooked letter, croo-
[keed letter, i.
Crooked letter, crooked letter, i.
Humpback, humpback, i,
[Mis-sis-sip-pi
Flowin down to New Orleans.
And it flows right by my Ten-
[nessee home
Where history was made by
[Steamboat Bill
M-e-m-p-h-i-s, Memphis is the
[town I mean.
'Way down yonder in the land
[of cotton
Folks like mine are ne'er forgotten
What a wonderful thrill it is to be
Down in Memphis, Tennessee

By the M, i, crooked letter,
[crooked letter, i.
Crooke letter, crooked letter i,
Hompback, humpback, i,
[Mis-sis-sip-pi
Flowin down to New Orleans.

BABY, WONT YOU SAY YOU LOVE ME

(From The 20th Century-Fox Production — «Wabach Avenue»)

Mack Gordon - Josef Myrow

Wonder if you care
Wonder if you miss me
How am I to know unless you
[tell me

Baby, won't you say you loye me?
'Till you do I can't feel right
For, baby, if you tell me that you
[love me
I promise not to ask again
That is until tomorrow night
Baby I need you beside me
Part of ev'rything I do
To cry as much to laugh as much
And love me even half as much
[as I love you

Música latino - americana

OIGA SEÑOR

Cancion ranchera

Cláudio Estrada

Oiga señor qué consejo me da
[usted
Porque de amor esta vez me
[apasioné
No lo ha de crer yo que siempre
[me burlé
De otra mujer más con esta lo
[pagué

Dijo el doctor l'otro dia que lo
[fui a ver
Que mi dolor era de tanto querer
No la jerró, pero no curó mi mal
Me recetó que debia de olvidar.

DAME DE TUS ROSAS

Canção

Ernesto Lecuona e Horman Brown

Dame de tus rosas
De tus rosas rojas,
De tus rosas blancas
De jardines en flor.
Mi jardin que todo és
de tristesas mudas
De penas muy hondas
De mi corazón.

Qual mala rosa nacioó
En mi pecho fragante el amor
Que fué mi felicidad.
Qual mala rosa murió
Deshojandose en mi corazón
Muerto de tanto llorar...

Fué bien fugaz el amor
Que me brindaste tu
Con engano fatal, oh!
Rosas que yo vi nacer
No lo cuentes a nadie que yo
Me muero aun por su amor...
Fué ben fugaz el amor, — etc...

MÚSICAS DE FILMES

NÃO É VERDADE a notícia que se espalhou que Randy Brooks falecera de um colapso cardíaco, algumas semanas atrás. Está doente sem dúvida, mas os seus médicos informaram à imprensa que Randy está fazendo u'a miraculosa convalescença e até já pode tocar o trumpete novamente, por dez ou quinze minutos diários...

★

HARRY JAMES (Columbia 1-731) — O rei do trumpete pôs em acetato «Ia a Mist», um clássico do jazz, de Bix Bierdebecke e na outra face «Brazilian Sleigh Bells», uma composição de Percy Faith.

★

JUDY GARLAND (MGM K30254) — Os discófilos norte-americanos estão verdadeiramente entusiasmados com duas músicas de Judy Garland, cantadas no filme «Summer Stock» e agora editadas em disco: «Friendly Star» e «Get Happy».

★

SEGUNDO PAULO SERRANO, diretor da Sinter, representante dos discos Capitól no Brasil, esta companhia pretende pôr no mercado milhares de «long playing», cujas matrizes não demorarão muito a chegar. O diretor desta companhia terá como principal objetivo, pondo êstes discos no mercado, terminar com o escandalosa contrabando de discos...

A. R.



EMILINHA BORBA
Aí vem a marinha



FRANCISCO ALVES
Aí vem a aposentadoria



M A R L E N E
Aí vem a televisão



JORGE VEIGA
Você diga lá que eu vou

CARNAVAL

TEM MULHER NO SAMBA

Samba de Raymundo Olavo

Samba de Raymundo Olavo e Caboclo — Grav. de Jorge Veiga

Tem mulher no samba
Você diga lá que eu vou
Se a maioria é mulher
O samba vai ser de colher
Vai ter mais sabor
Tem mulher no samba
Pode me convidar que eu vou

O samba a que eu fui con-
[vidado
Estava tão desanimado
Faltava mulher meu senhor
O samba que não tem mulher
E' um fracasso
E' um circo sem palhaço
Que p'ra mim não tem valor,
Meu senhor.

★

FILOSOFIA BARATA

Samba de Peterpan e Ary Monteiro — Grav. de Linda Batista

Ninguém faz graça
Com a barriga vazia...
E passar fome,
Nunca foi filosofia!
Vai trabalhar!
Vai trabalhar!
Primeiro comer...
Depois, filosofar! } *Bis*

Nove dias tem a vida,
Sendo, três dias de amor;
Três dias de mentira
E três dias de dor;
E, na lousa do Destino
Depois da conta somada,
Vem a morte tira a "prova";
Noves fora... nada!



GLU-GLU

Marcha de Xerém e Murilo Alvarenga — Grav. de Alvarenga e Ranchinho

Glu, glu, glu, glu, glu, glu
Quantas penas
Tem você peru
Glu, glu, glu, glu, glu, glu
Quantas penas tem peru.

Saí fantasiado
Com peninhas de peru
O vento me soprou
Acabei ficando nu
que frio...



GASTEI TUDO

Samba de Nestor de Holanda, Geraldo Medeiros e Domicio Costa — Gravação de José Ramos

Gastei tudo que tinha
Para ser vereador
Fiz promessas ao povo
Comprei terno novo
E banquei o orador.

Prometi tanta coisa à popu-
[lação
Dava casa e comida
E até condução
Mas a minha intenção
Alguém compreendeu
Pois, só tive um voto
E êste voto foi meu.

T R A I Ç Ã O

Marino Pinto e Mário Rossi — Grav. de Quatro Ases e Um Coringa

Dei tudo ao meu amor,
Fiz o que podia...
O que êle fêz depois
Eu não merecia.

Não tinha teto
Dei-lhe um lar,
Não tinha rumo
Dei-lhe a mão,
E a recompensa foi
A traição.



SAMBOU DE PE' NO CHÃO

Batucada de Ataulpho Alves e Augusto Garcez — Gravado por Carlos Galhardo

I

Tirei a sandália dela
No meio do salão
Mesmo assim continuou
A sambar de pé no chão.
(Bis)

II

Procuro a dona
Da sandália colorida
Que ficou na minha vida
Que ficou no meu olhar
Sei que ela está
Nesta louca multidão
Mas, eu hei de encontrar
Pra acalmar meu coração.

MULHER DE CARNAVAL

Samba de W. Ressurreição — Grav. de Vocalistas Tropicais

Formiga que se perde, cria
[asa
E' o que faz tôda mulher
Ao desprezar sua casa.

A mulher
Perde o nome do marido
Num decote de vestido,
Na maldade de um olhar
[desleal,
E ela já quer sair seminua,
Fantasiada na rua,
Não senhor, não está legal
Eu não quero uma mulher
Que sobrou do carnaval.

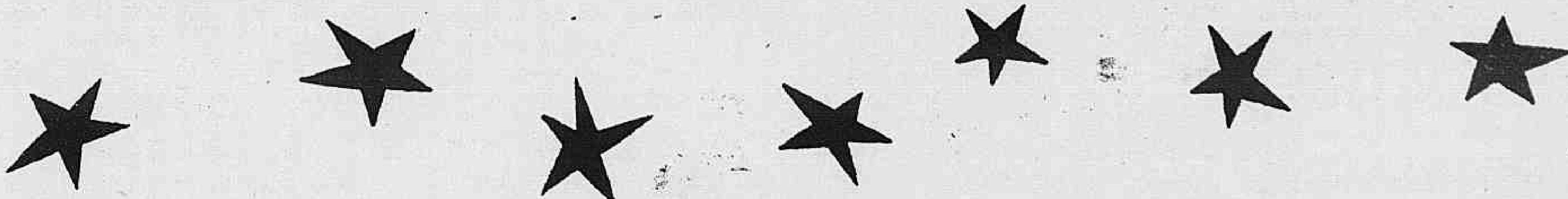


MARCHA DO CARACOL

Marcha de Peterpan e Afonso Teixeira — Gravação de Quatro Ases e Um Coringa

Há quanto tempo
Não tenho onde morar
Se é chuva, apanho chuva
Se é sol, apanho sol
Francamente
Pra viver nessa agonia
Eu preferia
Ter nascido caracol.

Levava minha casa
Nas costas muito bem
Não pagava aluguel
Nem luvas a ninguém
Morava um dia aqui
Um outro acolá
Leblon, Copacabana
Madureira ou Irajá.



TRÊS MARIDOS

(Cont. da pág. 24)

passou um carro da policia e o guarda se interessou muitissimo no que viu. Pàra livrar-se, Ken marchou diretamente para a porta da frente e tocou a campainha. Logo que o carro da policia desapareceu êle se escondeu no jardim e conseguiu achar um lugar de onde podia ver o interior da casa. Max estava servindo champagne a alguém que êle não pôde ver. Enfurecido, resolveu entrar. Encontrou uma janela aberta e *zás* estava dentro de casa. No entanto, os dois guardas não haviam ido embora e o tinham seguido. Deram-lhe ordem de prisão quando reapareceu Max, sempre com o mesmo esgar na face, avisando aos guardas de que o prisioneiro poderia ser perigoso.

No final, Ken passou a sua noite de aniversário de casamento numa confortável prisão. No dia seguinte Max e Mary apareceram e conseguiram a sua liberdade, pagando uma fiança. Max devolveu-lhe o chapéu que deixara cair quando se escondera no jardim.

De acôrdo com Max êle se encontrava sòzinho, mas fingiu que tinha visita quando encontrou ó chapéu. Mary estava com o seu paciente. *De acôrdo com Max.*

E, agora, apenas algumas semanas depois... essa carta. Finalmente, se levantou e caminhou em direção a sua casa. Lá, a sua mãe estava tricotando e Mary se estava vestindo para atender a um doente.

— A senhora quer deixar-nos a sós por um minuto, mamãe? Tenho de conversar com Mary — disse Ken, tensamente.

— Não pode esperar? — Mary olhou-o enquanto a sra. Whittaker saía, com uma expressão de quem foi maltratado. — Tenho de me apressar. O velho Mr. White...

— Você não vai a lugar algum. Hoje à noite ou qualquer noite. Homens velhos ou moços... não importa a idade.

Mary escutou-o calada e, quietamente, virou-se e saiu. Mas, Ken seguiu-a a passos largos e puxou-a.

— Falaremos quando eu voltar — disse ela com uma voz que refletia o seu mêdo.

Ken deu-lhe um palmada com tôda a fôrça de sua mão. Mary não se moveu. Olhou-o calmamente, mostrou a sua superioridade e saiu. Êle a machucara. Contudo, a dor não fôra fisica, mas espiritual.

— Mandarei buscar as minhas coisas amanhã — disse e no momento seguinte já estava longe.



Quase no mesmo instante a sra. Whittaker, mãe de Ken, chegou ao umbral da porta e, como se estivesse escutando, disse-lhe:

— Você não está sòzinho, meu filho, ainda tem a sua mãe.

Mas, nenhum dos dois sabia que enquanto êle estivesse junto às saias da mãe nunca seria considerado "homem", pois faltava-lhe o poder de saber o que queria. Só fazia o que a sua mãe queria e, por isso, também nunca teria nada que pudesse chamar de seu.

Quando Dan McCabe recebeu a carta de Max, no escritório de Wurdeman, deu uma grande gargalhada e se dirigiu imediatamente para casa a fim de compartilhar a graça da carta com a sua espôsa Lucille. No entanto, Lucille mostrou-se ofendida por êle não ter acreditado na hipótese de um "affaire" entre ela e Max e conseguiu pôr no marido o germe da suspeita, fazendo-o voltar ao passado.

Lembrou-se do dia que levara Lucille ao hipódromo para ver o seu mais novo cavalo "ganhar uma corrida". Êle a deixou durante um dos intervalos para falar com uns amigos e quando voltou encontrou Lucille comendo um cachorro quente com Max. Lucille o deixava verdadeiramente louco. Durante anos tentara fazer uma senhora de Lucille e agora, que ela estava na alta roda e encontrava um sujeito como Max, pedia um cachorro quente ao invés de entrar no clube e pedir um sanduiche!

Max, porém, não achava nada de incomum nisso e estava até gostando do "bate-papo". Lucille estava com os cotovelos em cima da mesa e usando a giria que aprendera nos seus tempos de "garçonette", ambos haviam esquecido completamente dos páreos.

Dan se aproximou sem ser notado.

— Vejo que vocês dois se conheceram.

— Sim, certamente — respondeu Max entusiàsticamente. — Espero que você não se importe... sua espôsa e eu temos um bocado em comum. Não o culpo por mantê-la escondida.

Não há a menor dúvida que Lucille sorriu e se sentiu felicissima.

— O seu chapéu está para trás — observou Dan, a fim de que voltasse e tivesse a noção do que realmente era.

Quando Lucille, visivelmente encabulada, começou a virar o chapéu, Max protestou:

— E' lindíssimo. Muito melhor do que direito — e todos haviam sorrido.

Depois dêsse primeiro encontro, Lucille começou a fazer dieta e Max passou a ajudá-la a escolher os seus novos vestidos. E, além do mais, Max começou a ensinar-lhe francês. De ora em quando Lucille dizia frases como: *"Je suis enchantée", "Au revoir"* e outras bobagens.

Um dia, depois de uma das tais aulas de língua, os três estavam bebendo cerveja. No terraço de Max, olhando a baía, Lucille foi atacada por sentimentalismo.

— As barcas de Oakland! Você não se lembra?

Dan sentiu-se imediatamente rebaixado e respondeu àsperamente.

— Claro. Dia dez de maio de 1938. Agora- deixe-me em paz.

Mas, Lucille não tinha vergonha.

— Foi ali que passamos a nossa lua de mel — ela explicou a Max. Andando de lá p'ra cá no pobre Atlântico.

Se Dan tivesse podido, teria entrado terra à dentro, de vergonha. Agora, lembrava-se de como Max se havia tornado quase que uma pessoa da familia naqueles poucos dias, desde que se haviam conhecido.

Quando Dan abriu os olhos para a realidade Lucille estava sorrindo. Era uma piada, certamente, mas não para êle. Para Lucille.

— O que é tão engraçado? — perguntou êle, instantâneamente enraivecido.

— Então, você acredita? Quer dizer que ainda sou bastante bonita para apanhar um homem?

Dan olhou-a com os olhos brilhantes.

— Depois de tudo o que fiz por você! O que era você quando a encontrei? Vendia pipocas para viver!

— Mas, não abandonei o emprêgo quando nos casamos. Lembra-se, Dan?

— Não me estou referindo *aquêles* dias. Você não tinha um centavo. Agora, olhe-se para si mesma. Diamantes verdadeiros. Perfume francês.

Lucille não se dominou e disse, a fim de mostrar como estava importante.

— E chapéus de oitenta dólares.

— E o que é que você faz com os seus chapéus? Carrega lagostas dentro. Já estou farto. Depois de tudo o que fiz por você, nem ao menos agradece. Agradece?

— Eu o agradeceria se você parasse de gritar.

— Então, tenho de bancar o pateta e nem ao menos abrir a bôca? Uma carta dessas... muitas espôsas tomariam isso a sério.

Lucille olhou-o desafiadoramente:

— Da mesma maneira agiriam muitos maridos.

— Cale-se! — gritou Dan McCabe. — Ainda continuo sendo o homem desta casa, e você tem de ser a espôsa como eu quero ou do contrário será posta no ôlho-da-rua. Há certas coisas que nenhum homem suporta!

— Há certas coisas também que nenhuma mulher suporta. E' melhor que você esqueça isso. Êste também é o meu lar e lutarei por êle até o último palito de dentes.

— Está bem, está bem — gritou Dan McCabe. — Então é uma luta.

— Aonde você vai, estúpido? — perguntou Lucille quando êle já se dirigia para a porta.

— Ver um advogado esperto!

No dia seguinte, todos se juntaram no escritório de Wurdeman, a fim de ouvir a leitura do testamento de Max e tratar dos papéis de divórcio.

"Para Matilda Clegg — deslizava a voz de Wurdeman, após as formalidades preliminares — para o desenvolvimento de seus únicos talentos, uma bôlsa de estudos em Paris, França, durante dois anos, com tôdas as despesas pagas". Matilda estava confusa.

"Para a minha prima Jennie Bard Whittaker, a casa de nosso avô em Columbus, Ohio, com a condição de que lá fixe residência imediatamente". — Wurdeman fêz uma pausa.

— O testamento contém mais duas cláusulas: *"Todos os meus latifúndios devem ser igualmente divididos entre as minhas três queridas amigas: Jane Evans, Mary Whittaker e Lucille McCabe."*

Os três maridos olharam silenciosamente para as suas respectivas espôsas. Finalmente, a idosa sra. Whittaker estourou:

— Não está direito. Elas não significavam nada para êle.

Kenneth, conformado, apenas suspirou profundamente e disse:

— Foi essa a sua vontade, mamãe.

— Não receberei um só centavo — falou sinceramente Mary, com os olhos baixados, a fim de evitar o fixo olhar de Ken.

— Se voês me permitirem, continuarei — o silêncio voltou ao escritório de Wuderman e êle continuou a leitura do testamento. — *"Com isso quero tornar claro que acredito que as mulheres são melhores espôsas se forem independentes das suas pequenas fraquezas, venetas e pretensões de seus maridos. Aos meus amigos, Arthur Evans, Kenneth Whittaker e Daniel McCabe eu, solenemente, concedo a herança de que as cartas que lhes foram entregues eram falsas, com o único propósito de lhes causar perturbação, para que possam reconsiderar os encantos e virtudes de suas respectivas espôsas. As tais cartas, sendo de feitio proposital, são falsas, enganadoras e não-verdadeiras".* — Isto é tudo, senhores.

No final, foi uma verdadeira pândega. Mulheres correndo, e sendo perseguidas por maridos. Uns pedindo desculpas aos outros, mulheres chorando. A trágica despedida de Matilda.

Mary teve os seus sentimentos feridos, mas se desmancha tôda quando lhe diz:

— Eu a amo e confio tanto em você que desejo que faça uma viagem com o dinheiro. E, então, quando você voltar, dê-me outra oportunidade.

Quando Dan a alcançou, perguntou-lhe:

— Você não me disse que aquela carta era verdadeira? Você mesma confessou de livre e espontânea vontade! Não confessou?

— Ora, quem não conhece uma piada com u'a milha de distância?

— Uma piada? Feita por você e êle, para me enganar?

— Honi soit qui mal y pense — deu de ombros Lucille.

— Que é isso — gritou McCabe.

— Francês — diz Lucille com um sorriso de malícia.

No cemitério, as flores começam a murchar sôbre a sepultura de Maxwell Bard.



JOAN LESLIE
(RKO)

ALGO FLUTUA...

(Cont. da pág. 19)

sente, agora, que algo aproximo-lhe de Azálea. Contrariado a princípio, Manuel vai-se deixando dominar, porém Azálea não o queria,, chegando a repeli-lo, mas também não conseguia dominar-se.

Para não desiludir sua espôsa e o filho, Manuel dispôs-se a expulsar Azálea de casa, no que foi impedido por Carmina.

Passa-se o tempo e Manuel vai conseguindo a amizade dos colegas e, graças a Azálea, passa a ser um dos chefes da comunidade dos pescadores. Isso veio acentuar mais o seu amor por Azálea, resolvendo confessar sua paixão. Ela, não resistindo, entrega-se a Manuel numa noite de tempestade.

Apesar de muito dissimulados, Carmina, que já desconfiava dos dois, descobre a farsa e o romance, expondo-os a Azálea. Esta, em respostaa Carmina, resolve casar com Lalo, colega de Manuel.

Na véspera das bôdas, havia grande tempestade e esperavam-se enchentes devastadoras; o redemoinho estava violento. Manuel, em companhia de alguns companheiros, constrói uma barreira para evitar a inundação.

Ao saber que Azálea iria casar com Lalo, Manuel confessa, mais uma vez, amor a Azálea e jura que se casará com ela e que impedirá o seu casamento com Lalo, conseguindo fazê-lo. Mas não consegue possuir Azálea, pois esta volta às ferozes águas de onde viera, no momento exato em que Manuel, louco de paixão, tentava jogar Carmina no redemoinho traiçoeiro do rio, e nesso momento ouve-se, novamente, exacerbadas vozes gritarem: «Algo flota sobre el agua!»

EM DEFESA DA...

(Cont. da pág. 20)

nismo internacional e a ameaça que representa à liberdade no mundo.

Algumas das mais apuradas inteligências de nosso tempo estavam presentes àquêle Congresso em Berlim. O manifesto que redigiram já foi difundido pelo mundo todo. Mas eu, como presidente do grupo de discussões sôbre «A Arte, os Artistas e a Liberdade», gostaria de resumir, não as palavras, mas o sentimento de que foram ibuidos discussões e manifesto distribuido mais tarde.

O artista é um cidadão com uma grande responsabilidade. E' um membro de um permanente congresso em prol da cultura em sua comunidade. Não importa que sua comunidade seja grande ou pequena; as fronteiras do artista são limitadas apenas por dois fatôres; seu próprio talento para comunicar o que é capaz de criar e a liberdade de que dispõe para exercer tal talento. Êle poderá trazer em si a capacidade de um grande artista, mas, sem liberdade para transmití-la, perderá, ou terá um uso limitado, de seu poder de criar uma história, uma canção, um poema, um quadro ou uma peça teatral.

Assim nenhum artista que tenha o direito de usar tal título pode ser neutro perante as batalhas de nossos dias. Se êle se afastar da luta estará alienado o privilégio que tem, como artista, de mostrar aos homens, pelo seu trabalho, a vida agradável que podem criar para si próprios, os ideais que os poderão animar e o poder existente na personalidade humana individual.

Apresentem-me uma peça musical escrita sob os «ditames dialéticos» do comunismo soviético, ou de qualquer outro govêrno autoritário, e eu lhes mostrarei uma canção morta. Mostrem-me um quadro pintado de maneira a «estar de acôrdo» e eu lhes mostrarei uma tela para a qual os homens lançam olhares vazios. Mostrem-me um livro escrito sem «o pecado do desviacionismo» e eu lhes mostrarei palavras que perderam seu sentido, pois se um artista foge da luta pela liberdade êle morre duas vêzes. Morre como artista antes de morrer como homem.

Vimos o artista morrer na Rússia Soviética. Temos visto a gradual sufocação de artistas de outros países que caíram sob o domínio da União Soviética pelos processos subversivos do comunismo internacional. Temos visto claramente que o comunismo nada significa para qualquer homem ou qualquer país, a não ser uma palavra: conformismo. Conformismo perante as determinações daquêles poucos que tenham em suas mãos as rédeas do poder Conformismo perante as determinações daqueles poucos que controlam os alimentos que se comem, as roupas que se vestem, os tetos que dão abrigo. Conformismo perante as determinaçes daqueles que procuram controlar as próprias mentes dos homens.

Sabemos que o comunismo procurará sempre atar as mãos, silenciar os lábios e paralizar o coração do homem que é artista, isso porque muita gente atende e ama ao trabalho do artista — e a própria essência do artista torna-lhe impossível conformar-se com um sistema de tiranía. Êle pode tentar conformar-se. Sob certas circunstâncias, até mesmo o homem bom fará uma tentativa. Mas se o artista que traz dentro em si continuar vivendo, êle, mais cedo ou mais tarde, cometerá o «pecado do desviacionismo» dos «ditames dialéticos» do comunismo. A liberdade ecoará no som de uma de suas frases. A liberdade viverá na marca deixada por seu pincel. A liberdade ressoará num acorde de sua música. A liberdade cantará num verso de sua poesia. Êle será novamente o artista e aquêles que o ouvirem ouvirão o artista articulando aspirações tão antiio e tão novas quanto o coração humano.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nosso exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPÓSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO

AV. PRINCÉSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

A BELEZA DOS SEIOS — **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



DEBORAH
KERR
(Metro)

Mexericos

Tão difícil como vencer na própria vida é encontrar um ator que se considere como um felizardo "protegé" de D. Sorte... Jaff Chandler, que conquistou uma incalculável legião de admiradores e pessoas que firmemente acreditam em seu futuro, devido ao seu desempenho em "Flechas de Ouro", destrói êste mito tìpicamente de Hollywood. Um jornalista, curioso em saber algo a respeito de Jeff na vida particular, indagou a opinião de um dos seus companheiros daquele filme que tipo de indivíduo era aquêle.

— E' um bom sujeito... — foi a resposta imediata. — Compreende que foi bafejado pela sorte...

★

E, por falar em gente nova, não se pode deixar de notificar que é bem provável que dentro de pouco tempo Hollywood lance um novo ator, que se torne famoso. Trata-se de um esperançoso jovem chamado Charlton Heston, que faz a sua aparição em "Dark City". A fim de o apresentar aos repórteres Hal Wallis ofereceu um "cocktail" à imprensa, exibindo na ocasião o seu teste. "...e se êle conseguir imprimir ao seu papel no filme metade do talento que empregou no teste, será simplesmente sensacional..." — diz Jenni, nos mexericos de "Movie Story".

★

Se alguma vez alguém lhe disser que em Hollywood os artistas estão construindo "quartos para os seus filhos de acôrdo com os mais modernos métodos de psicologia, não há, absolutamente motivo para surprêsa. O arquiteto John Lindsay lançou a semente da idéia que indubitàvelmente promete germinar entre os pais da cidade da Sétima-Arte. John é de opinião que um espírito não se deve privar de acatar novas idéias e tremer apenas ao ouvir uma opinião que seja contra os princípios que prezamos e que nos empenhamos em seguir. Em conversa com certos psicólogos, John sentiu-se resvalando numa discussão sôbre puericultura, acabando cedendo ante à idéia de que os adultos seriam livres de menos fobias e despidos de alguns estereótipos se merecessem maior cuidado por parte dos pais. Por isso, quando recebeu em sua casa a visita de Mona Freeman, amiga particular de sua espôsa (John Lindsay é casado com Diana Lynn), e esta falou dos planos que nutria para a construção de uma nova "nursery" para a sua filhinha de 2 e meio anos, John se pôs à sua disposição, prometendo mostrar-lhe os planos para a sua apreciação, apresentando detalhadamente as suas idéias.

O resultado é que Mona Freeman não sabe o que fazer para atender a tantas visitas que desejam ver a nova "nursery" de Mona Freeman, Jr.

★

De acôrdo com notícia estampada num dos últimos números de "Time", Elizabeth Taylor e Nick Hilton decidiram experimentar uma separação, depois de sete meses de casamento. Elizabeth começou cedo... Será que ela estava apenas ensaiando para uma seqüência de "O Papai da Noiva"?

CINE - ÓPIO OU ...

(Cont. da pág. 11)

ção e de inquietudes, está reclamando uma renovação de valores para substituí-los com urgência. Além do mais, temos a bela coleção de pseudo-diretores estrangeiros que dizem ter sido na Europa assistentes de Rossellini, De Sicca, Lang e outros luminares do cinema do Velho Mundo, e que, chegados à Argentina (O Brasil também é pródigo em assistentes de famosos cineastas), são recebidos como mestres quando, na verdade, não passam de aventureiros. Os argumentistas e os diretores são, na realidade, o verdadeiro motivo do estancamento do cinema argentino. Êles são, não há dúvida, os que se têm parado, deixando-se levar mais pelas "impaciências" da bilheteria que por outras ambições mais legítimas de melhoramento e superação artísticas. E a êles se deve êsse amontoado de filmes "populares" que está precipitando o cinema platense numa torrente de películas "standard", ou ainda piores, que aqui se fabricam a granel, a exemplo das conservas ianques, mas que não podem resultar em mérito algum para a atividade argentina. E o mais grave, o mais deplorável neste processo de "inferiorização" do cinema argentino, é essa censurável despreocupação pelo seu próprio país, que asinala nestes "cineastas" um desinterêsse injustificável pela pátria em que vivem e onde enriquecem.

Ainda que pareça mentira, o cinema argentino, hoje tão poderoso e pujante como indústria, graças à proteção com que lhe tem brindado o país com o apoio do público e o decidido amparo dos poderes oficiais, não corresponde, entretanto, com a gratidão que deveria ter para com aquêles que tanto fizeram por êle. Quando o cinema argentino era pobre, naquelas épocas do cinema desamparado, foi que os argentinos tiveram as melhores amostras de argentinismo na tela. Desde "Guerra Gaucha", "Seu Melhor Aluno", passando por "Prisioneiros da Terra", "Pegada", "Quilômetro 111", "Vento Norte", "Padre Gaucho" e muitos outros, os expoentes mais honrosos do cinema platense — que foram também os mais genuinamente argentinos — realizaram-se sob a luta que impunha a escassez de recursos e meios de produção. Então não havia riqueza, mas existia entusiasmo. Parecia que, num processo inverso, o progresso material do cinema argentino estivera conspirando contra sua qualidade moral e espiritual. Mas, acontece que nesta época de individualismo opulento, os produtores argentinos se enchem de dinheiro e fazem a digestão de boas iguarias torpemente pagas pelo fã cinematográfico que, por sua vez, apanha uma indisposição de espírito. Outro problema que afeta o cinema dêste país generoso é o separatismo da classe cinematográfica (melhor dizer, de algumas classes técnico-artísticas), que devem deixar a pasagem livre, a «inclusão" de quem, por interêsses de uns poucos, está impossibilitado de exercer seu direito de trabalhar. Sem ter a pretensão de resolver o problema do cinema argentino, declaramos que, para melhorar a produção fílmica argentina, é preciso nivelar os quadros técnicos. De procurar os argumentistas para a tela e encontrar os adaptadores capazes de elaborar, por si sós, os "arranjos" e "adaptações" dos filmes. De permitir aos diretores "eleitos" e "intocáveis", pôr suas mãos para terminar as mesmas cenas...; não ignorando nunca o autor do argumento. Tais os imperativos que devèriam ter presentes os produtores argentinos.

BOAS FESTAS

Agradecemos e retribuímos os seguintes votos de boas festas: Clube de Regatas Vasco da Gama; Pascoal Longo e o Clube dos 13; França Filmes do Brasil; A. Conde, das Indústrias Elétricas e Musicais Fábrica Odeon; R.K.O. Rádio Filmes e Zenaide; União Brasileira de Compositores; Alberto Conrado; Augusto Valentim; Olivinha Carvalho; Camardella; Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Editôres de Música; Universal-International; Cinematográfica Maristela.

E a todos os nossos leitores desejamos um Feliz e Próspero Ano Novo de 1951!

NOTÍCIAS DO CINEMA EUROPEU

NA Bélgica o filme de Maurice Chevalier «Ma Pomme» obteve sucesso sem precedentes em Anvers, ficando cinco semanas em cartaz no Cine Pathé, e depois no Regina. «Loucura de uma época», também da Art, substituiu «Ma Pomme» no cartaz. Aliás, «Loucura de uma época» faz parte de um grupo de filmes franceses da Discina que estão sendo lançados na Grã-Bretanha e na Bélgica e entre os quais estão ainda «Mulher Cobiçada», «O Rei» e «Manèges».

★

Que coisa é o suicídio? A esta estranha pergunta responde Leonide Moguy no filme «Amanhã é um outro dia» que a Minerva e a Art-Films apresentarão nas telas do mundo muito breve. Considerando àparte o valor artístico do filme, o mesmo constitui o mais eficiente instrumento de propaganda contra a aberração da renúncia à vida.

★

O filme «São Francisco, Arauto de Deus», de Roberto Rossellini, que a Art-Films distribuirá, e que na Mostra Cinematográfica de Veneza no ano passado suscitou polêmicas seríssimas, será apresentado ainda nesta temporada na Itália e no Brasil. No ambiente latino mais que nenhum outro vizinho do espírito da autêntica tradição franciscana, não há dúvida de que o filme pode suscitar opiniões extremamente favoráveis ou contrárias. Não é fácil prever qual será a reação do público italiano à interpretação rosselliniana de Santo de Assis e dos seus companheiros de vida e fé. O que não resta dúvida é que o filme de Rossellini é audacioso e realizado com honestidade profissional.

★

Entre janeiro e março a Art-Films pretende distribuir em todo o Brasil «Entre o Amor e o Trono (Ruy Blas), de Jean Cocteau e Pierre Billon, com Danielle Darrieux; «Giuliano, o Bandido da Sicília», obra mestra de Aldo Vergan, com Ermano Randi no papel-título; «O Mulato», de Francesco De Robertis, com Umberto Spadaro e o pequeno Ângelo; «Os Malditos», de René Clément, com Florence Marly, Henri Vidal e Fosco Giachetti; «Arroz Amargo» (Riso Amaro), de Giuseppe De Santis, com Silvana Mangano.

★

A Art-Films adquiriu da Discina a distribuição para a América Latina com exclusividade dos filmes «Hans le Marin», «Retrato de um Assassino» e «Mulheres e Víboras» (Quai de Grenelle). «Hans le Marin» (ainda sem título para o Brasil) é interpretado por Maria Montez e Lilli Palmer. Rodado no quarteirão pitoresco e cosmopolita da velha cidade de Marselha, a filme relata a tragédia de um jovem marinheiro (Jean Pierre Aumont) cuja paixão por uma mulher o leva a descer a escala social até o crime. «Retrato de um Assassino», com Maria Montez, Arletty, Erich Von Strohein e Pierre Brasseur foi dirigida por Bernard Roland e conta, também, uma história cheia de incidentes curiosíssimos, a propósito de u'a mulher diabólica. Finalmente, «Mulheres e Víboras» tem por intérpretes Henri Vidal, Maria Maubaan e a sensação de «Tormentos do Desejo», a sensual Françoise Arnoul. Um simples incidente muda a vida de um jovem rapaz. O incidente é exagerado pela imprensa. Procurado pela Polícia, êle, assustado, se esconde e comete crimes sôbre crimes para encobrir o que, afinal, não constituia crime. No fim é abatido pela polícia.



CELSO GUIMARÃES

(Foto ÁVILA)



FADA SANTORO

(Foto ÁVILA)



O LIVRO DAS MULTIDÕES



Está à venda em todos os pontos de jornais e revistas de tôdas as cidades do Brasil a grande edição do

Almanaque EU SEI TUDO para 1951. Preço Cr$ 20,00

Um livro ilustrado com perto de 400 páginas. Leitura variada. Calendários. Informações sôbre o ano

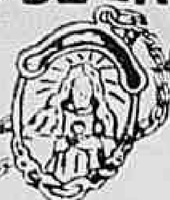


AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL — APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00 enviaremos um colar com linda medalha de prata com gravação de um verso religioso



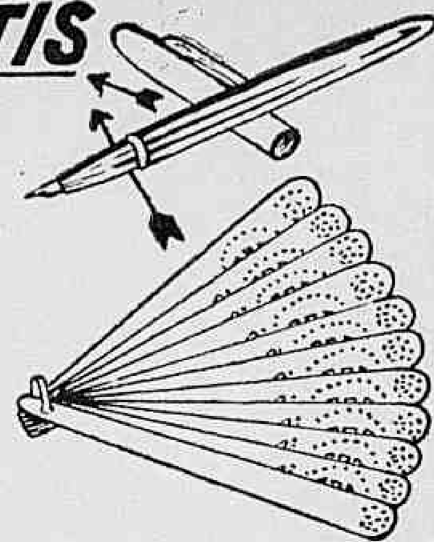
CASAS ROULIEN

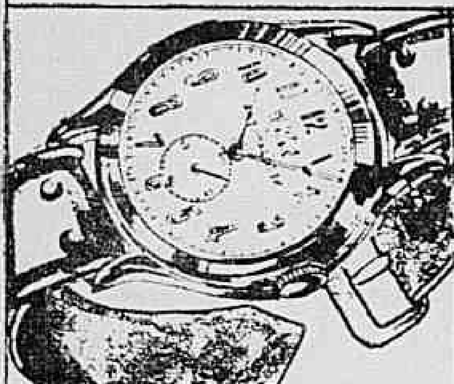
Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950. por precode reclame.

GRATIS

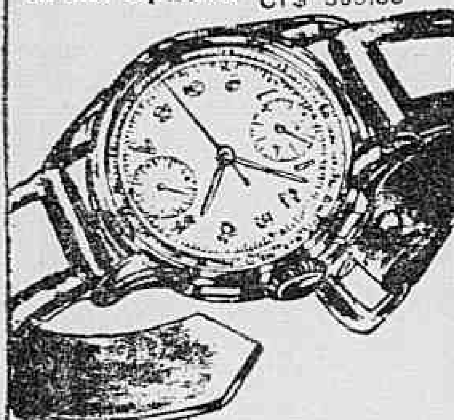
Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artistico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho.

Compre para V. S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.

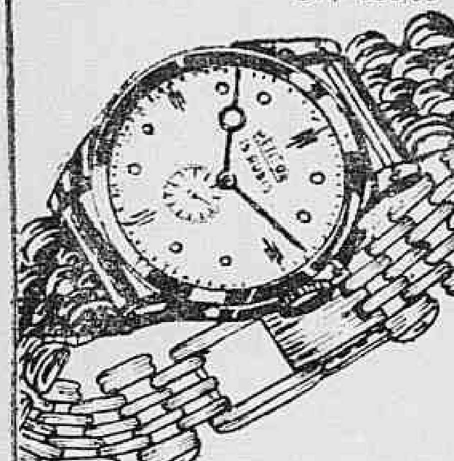




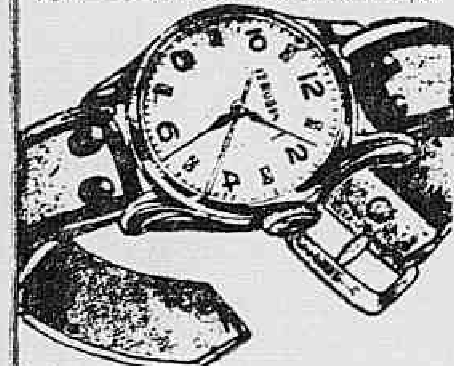
34188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis. Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plastica. fundo de aço, anti-magnético e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



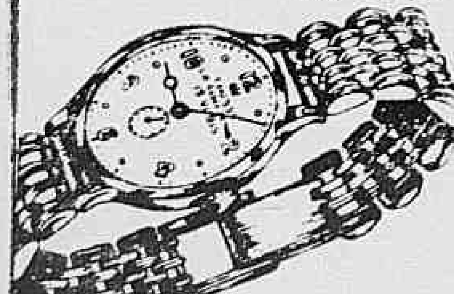
34189 - CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



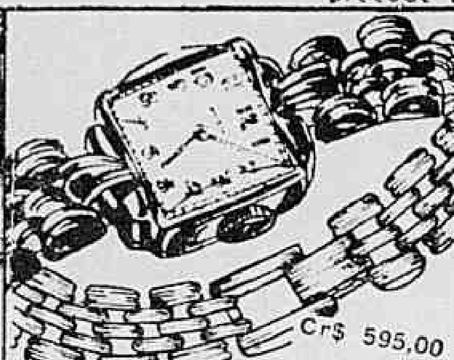
34187 - SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda jóia, APROVEITEM!.. Cr$ 425,00



34161 - EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00

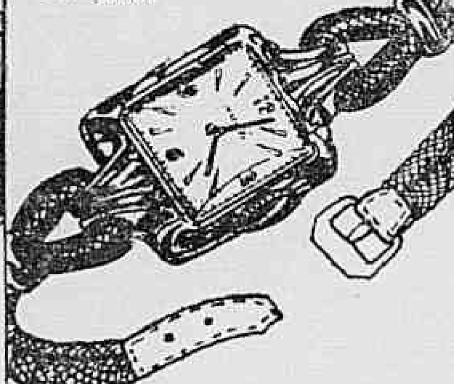


34191 — DESLUMBRANTE relógio THUSSI, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia — Cr$ 575,00

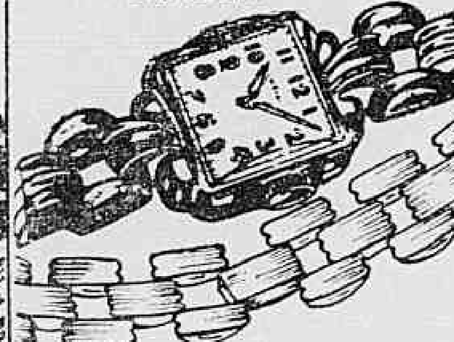


Cr$ 595,00

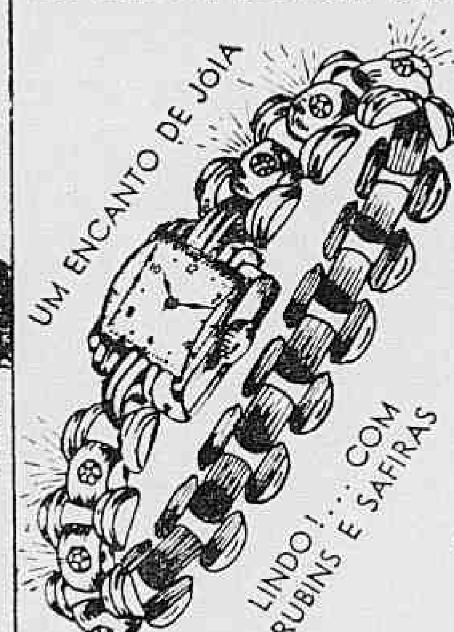
34186 SENSACIONAL!... MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



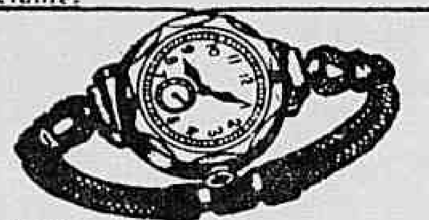
34185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



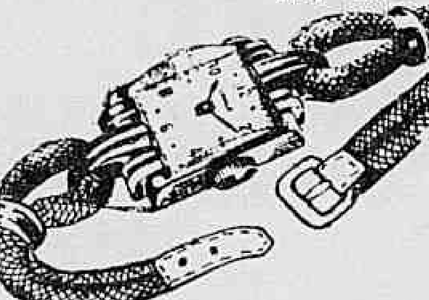
34111 - LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Envie-nos medida do pulso. Cr$ 489,00



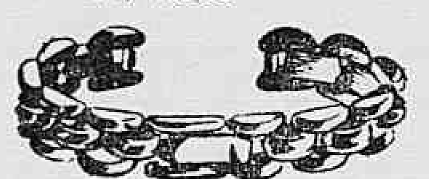
34184 - DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações, Cr$ Cr$ 655,00



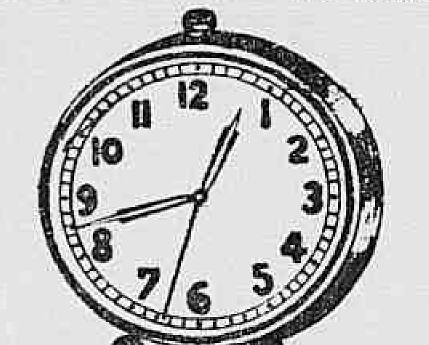
34139 - Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ Cr$ 198,00



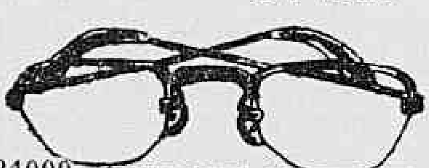
34183 — MARAVILHOSO, ANTI-MAGNETICO, para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



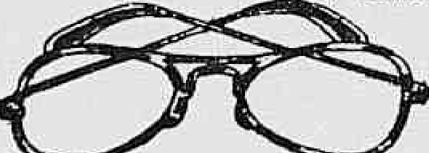
31180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Envie-nos a medida do pulso Cr$ 133,00



34144 — DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



34099 — ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça — Cr$ 125,00



34100 — DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



34174 - ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro — Cr$ 110,00

MEDIDAS PARA ANÉIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



34172 ALIANÇAS de ouro 18 quilates, largas Cr$ Cr$ 101,00
Par Cr$ 195,00



34159 - DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo



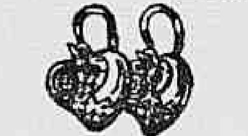
34165 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo, em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00



34162 - ANEL em prata de lei, com a estrêla da República em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00

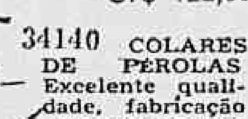


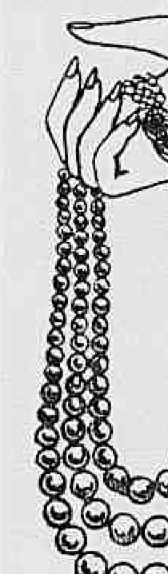
34163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00



34170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia — Cr$ 122,00







34140 COLARES DE PÉROLAS Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legitimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta
34141 Cr$ 45,00 Com duas voltas Cr$ 89,00
34142 Com três voltas Cr$ 136,00

34107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00



ACEITAMOS REPRESENTANTES IDÔNEOS E COM ÓTIMAS REFERENCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.



34203 — DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00

EMBELEZE O SEU RELÓGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



34167 — DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeirissima qualidade — Cr$ 95,00

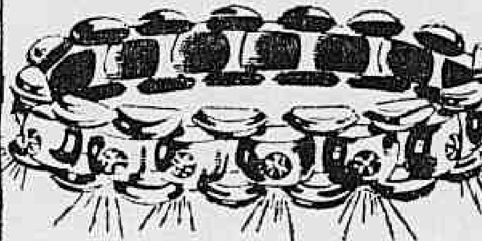


34192 — DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia. Cr$ 172,00



34169 — BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JÓIA.



34693 — MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia, com cravação de rubis Cr$ 299,00 Não confundir com imitações.



34108 — VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável a perfeita aparência de legitimo ouro Com cinco voltas .... Cr$ 295,00

As **CASAS ROULIEN** Garantem aos seus fregueses, preços mínimos, qualidade, remessa rápida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. **PEDIDOS AS CASAS ROULIEN** Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 1.° e 2.° Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - **TEL. 49-0419**

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo ha mais de 16 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos.

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUEZES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM À DOMICÍLIO — FONE 49-0419